



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
CURSO DE MESTRADO E DOUTORADO EM ECONOMIA

PAULO SÉRGIO SILVA SIPRIANO

A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES
NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

SALVADOR

2018

PAULO SÉRGIO SILVA SIPRIANO

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES NO INÍCIO DO SÉCULO
XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia na Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia.

Área de Concentração: Desenvolvimento econômico.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Renildo Santana Souza.

SALVADOR

2018

Ficha catalográfica elaborada por Vânia Cristina Magalhães CRB 5- 960

Sipriano, Paulo Sérgio Silva.

S618 A internacionalização dos capitais chineses no início do século XXI./
Paulo Sérgio Silva Sipriano. - 2018.
85 f. il.

Dissertação (mestrado) –Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Economia, Salvador, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Renildo Santana Souza.

1. Desenvolvimento econômico - China. 2. Investimento direto
estrangeiro. I. Souza, Antônio Renildo Santana. II. Título. III.
Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Economia.

CDD – 338.95



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Economia
Programa de Pós-Graduação em Economia
Mestrado e Doutorado em Economia

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULO SÉRGIO SILVA SIPRIANO

"A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES NO INÍCIO DO SÉCULO XXI."

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Economia no Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Antônio Renildo Santana Souza
(Orientador - PPGE/ECO/UFBA)



Prof. Dr. Daniel Lemos Jeziorny
(PPGE/ECO/UFBA)



Profa. Dra. Maria Tereza Franco Ribeiro
(UFBA)

Aprovada em 17 de julho de 2018.

A

Lucimara, minha esposa,

e ao meu pai, Pedro.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a realização de um sonho e a conclusão de mais uma etapa da minha trajetória pessoal e acadêmica. Eu não teria chegado até aqui sem o apoio de pessoas tão importantes e especiais para mim.

Agradeço, inicialmente, à minha esposa, Lucimara, que esteve presente em todas as fases deste trabalho, a compreensão e dedicação, o apoio e o carinho direcionados a mim foram fundamentais para a conclusão deste estudo.

Agradeço ao meu pai, Pedro, por todo apoio ao longo da vida. Ele sempre foi o meu maior exemplo de dedicação e comprometimento.

Agradeço a orientação do professor Renildo Souza que ao longo deste trabalho contribuiu de maneira decisiva para o bom andamento e conclusão do estudo. Estendo meu agradecimento aos professores do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Bahia, assim como o corpo técnico que sempre esteve disponível para me auxiliar nos momentos de necessidade.

Agradeço aos colegas que fiz durante o mestrado. De modo especial a Alessandro Marques, que me ajudou nos estudos e nos momentos de dificuldade durante minha estadia em Salvador.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão de mais uma etapa.

RESUMO

O presente trabalho traz alguns elementos explicativos – motivações, necessidades e ritmo de evolução - presentes no processo de internacionalização dos capitais chineses a partir do início do século XXI, e uma breve contextualização histórica da ascensão chinesa observada nos últimos anos. Aborda a trajetória dos investimentos diretos realizados pela China no mundo, de acordo com as prioridades (energia, matérias-primas, alimentos), os setores econômicos, regiões geográficas e a modalidade (fusões e aquisições, *joint-ventures* e *greenfields*) em que esses capitais foram alocados ao longo desses anos. A busca dos capitais chineses, que inicialmente era voltada para recursos naturais e matérias-primas, tem ampliado, nos últimos anos, seu campo de atuação procurando novas oportunidades de negócios. A China diversifica seus investimentos em outros setores que possam contribuir para o seu processo de desenvolvimento, como por exemplo tecnologia. A distribuição geográfica dos investimentos chineses é bastante diversa, com presença em todos os cantos do globo. Algumas dessas regiões receberam um volume maior de investimento direto estrangeiro, caso da Europa e da Ásia, onde o gigante asiático está situado e possui laços econômicos históricos. Nos países desenvolvidos o alvo dos investimentos chineses foi direcionado à aquisição de tecnologia de ponta por meio de *joint-ventures* e fusões e aquisições. Na periferia os chineses investiram em projetos de *greenfields* nos setores de recursos naturais. O fenômeno da internacionalização dos capitais chineses é relativamente novo, ainda está em curso, e seus rumos não estão cristalizados. Esta dissertação é uma tentativa de contribuição para o debate sobre o tema.

Palavras-Chave: China. Internacionalização. Investimento. IDE. Capitais.

ABSTRACT

This master thesis presents some explanatory data - the motivations, the needs and the pace of evolution - present in the process of internationalization of the Chinese capitals from the beginning of the 21st century, and a brief contextualization of the Chinese recent history. It addresses the foreign direct investment trajectory by China in the world, according to priority (energy, raw materials, foods), economic sectors, geographic regions and modality (mergers and acquisitions, joint ventures and greenfields), over the years. The pursuit of Chinese capital, which was initially focused on natural resources and raw materials, has expanded in recent years, searching new opportunities for business. China diversifies investments in other sectors that can contribute to its development process, such as technology. The distribution of Chinese investments is quite diverse, with a presence around the World. Some regions received a large volume of foreign direct investment, as in Europe and Asia, where the Asian giant is located and has historical economic ties. In developed countries the targeted Chinese capitals was directed to acquisition of the high technology by joint-ventures and mergers and acquisitions. In the periphery the Chinese invested in greenfield projects in the natural resources sector. The phenomenon of internationalization of Chinese capitals is relatively new, it is still ongoing, and its course is not crystallized. This dissertation is an attempt to contribute to the debate on the theme.

Keywords: China. Internationalization. FDI. Investment. Capitals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Estratégias de internacionalização de IDE conforme os países anfitriões	41
Gráfico 1 - Comércio internacional chinês de mercadorias – em US\$ milhões.....	47
Gráfico 2 - Saída de IDE chinês em relação ao total mundial, formação bruta de capital e PIB (em %)	50
Gráfico 3 - Fluxo de investimento direto estrangeiro (US\$ bilhões em níveis correntes)	51
Gráfico 4 - Fusões e aquisições chinesas entre 2000 e 2016 – (em números de transações e valores em US\$ bilhões).....	64
Figura 1 - Mapa One Belt, One Road (“A Nova Rota da Seda”).....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Comparativo entre China e EUA (PIB per capita, taxa real de crescimento do PIB, saldo da conta corrente, taxa de câmbio).....	48
Tabela 2 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses - % volume total de investimentos (2005-2017).....	52
Tabela 3- Distribuição setorial dos investimentos chineses - % volume total de investimentos (2005-2017)	53
Tabela 4 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores energéticos - % volume total de investimentos em energia (2005-2017)	54
Tabela 5 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em energia - % volume total de investimentos em energia (2005-2017)	55
Tabela 6 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores de metais - % volume total de investimentos em metais (2005-2017).....	56
Tabela 7 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em metais - % volume total de investimentos em metais (2005-2017).....	57
Tabela 8 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores imobiliários - % volume total de investimentos imobiliários (2006-2017).....	58
Tabela 9 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses imobiliários - % volume total de investimentos imobiliários (2006-2017).....	59
Tabela 10 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores de transporte - % volume total de investimentos em transporte (2005-2017)	60
Tabela 11 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em transporte - % volume total de investimentos em transporte (2005-2017)	60
Tabela 12 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em agricultura - % volume total de investimentos em agricultura (2006-2017).....	62
Tabela 13 - Distribuição regional das F&A por número de transações e por valores envolvidos – em % (2013-2016).....	64
Tabela 14 - Distribuição setorial das F&A por número de transações – em % (2013-2016)...	66
Tabela 15 - Distribuição setorial das F&A por valores envolvidos – em % (2013-2016)	67

LISTA DE SIGLAS

APTA – Asia-Pacific Trade Agreement

ASEAN – Association of Southeast Asian Nations

BBC – British Broadcasting Corporation

BM – Banco Mundial

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

CDB – China Development Bank

CECP – Corredor Econômico China Paquistão

CFIUS – Committee on Foreign Investment in the United States

CGN – China General Nuclear Power Corporation

CIC – China Investment Corporation

CITIC – China International Trust Investment Corporation

COVEC – China Overseas Engineering Group

CPFL – Companhia Paulista de Força e Luz

CTG – China Three Gorges

CVP – Ciclo de Vida do Produto

EMN – Empresas Multinacionais

ETN – Empresas Transnacionais

EUA – Estados Unidos da América

FBC – Formação Bruta de Capital

FMI – Fundo Monetário Internacional

FOCAC – Forum on China-Africa Cooperation

GDP – Gross Domestic Product

GM – General Motors

IDE – Investimento Direto Estrangeiro

IDP – Investment Development Path

IMAA – Institute for Mergers, Acquisitions and Alliances

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LLL – Linkage-Leverage-Learning

M&A – Mergers & Acquisitions

MOFCOM – Ministry of Commerce of the People’s Republic of China

NDB – New Development Bank

OBOR – One Belt, One Road

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OFDI – Outward Foreign Direct Investment

OLI – Ownership-Location-Internalization

OMC – Organização Mundial do Comércio

PIB – Produto Interno Bruto

RPC – República Popular da China

SEZ – Special Economic Zones

SGCC – State Grid Corporation of China

TCP – Terminal de Contêineres de Paranaguá

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TVEs – Township and Village Enterprises

UE – União Europeia

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development

USA – United States of America

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	13
1.2	TEMA	15
1.3	BREVE REFERÊNCIA HISTÓRICA	16
1.4	RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA	17
1.5	PROBLEMA DA PESQUISA	19
1.6	OBJETIVO GERAL	19
1.7	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1.8	METODOLOGIA	19
1.9	FONTES	20
1.10	ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS	20
2	CONTEXTO HISTÓRICO DA ASCENSÃO CHINESA	21
2.1	A ERA MAO NA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA	21
2.2	REFORMAS	22
2.3	APROVEITAMENTO DA GLOBALIZAÇÃO	25
2.4	BREVE MENÇÃO ENTRE A RELAÇÃO CHINA E ESTADOS UNIDOS	27
3	ALGUNS ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES	30
3.1	ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA GEOPOLÍTICA	30
3.2	ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA NECESSIDADE DE ACUMULAÇÃO E ESFERAS DE INFLUÊNCIA	31
3.3	O BRICS COMO ELEMENTO EXPLICATIVO DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA	33
3.4	NECESSIDADE ORGÂNICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS	35
3.5	ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES	36
3.6	TEORIA DO CICLO DE VIDA DO PRODUTO (CVP)	38
3.7	O PARADIGMA ECLÉTICO DE DUNNING	39
3.8	MODELO <i>LINKAGE, LEVERAGE AND LEARNING</i> (LLL)	42
4	A TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES	44
4.1	A TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA NA PERIFERIA	44

4.2	TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA E OS ESTADOS NACIONAIS	46
4.3	IRRESISTÍVEL ASCENSÃO COMERCIAL NO MUNDO	47
4.4	A VIRAGEM CHINESA PARA O INVESTIMENTO EXTERNO	49
4.5	DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS INVESTIMENTOS CHINESES.....	51
4.6	DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES.	52
4.6.1	Setor energético.....	53
4.6.2	Setor de metais	56
4.6.3	Setor imobiliário	58
4.6.4	Setor de transporte	60
4.6.5	Setor agrícola	61
4.7	FUSÕES E AQUISIÇÕES	62
4.8	<i>JOINT-VENTURES</i>	68
4.9	<i>ONE BELT, ONE ROAD</i> (OBOR)	69
4.9.1	Alguns projetos da iniciativa OBOR	71
4.9.2	Resistência à OBOR	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A ascensão da China nas últimas décadas tem despertado grande interesse de pesquisa nos meios acadêmicos, sobretudo, na área de Economia. O país asiático que não figurava entre as maiores economias do mundo, rapidamente, galgou posições no cenário internacional e, atualmente, ocupa o segundo lugar, em termos de Produto Interno Bruto, atrás apenas dos Estados Unidos.

O início do século XXI representou uma oportunidade de ouro para os chineses com a entrada do país para a Organização Mundial do Comércio, em 2001. A partir desse marco, a China aproveitou as oportunidades oferecidas pela economia internacional e transformou seu parque industrial, tornando-se a “fábrica do mundo”. Esse movimento permitiu ao país ter acesso à tecnologia que foi utilizada para o desenvolvimento e aprimoramento da indústria.

Ao alcançar elevadas taxas de crescimento – média de 10% ao longo de três décadas – novos desafios apresentam-se para as autoridades que conduzem os rumos de uma nação. A China iniciou uma caçada em busca de matérias-primas que garantissem a manutenção e a ampliação de seu crescimento. A necessidade de minério - aço, cobre, alumínio – de energia – petróleo e seus derivados – e de alimentos, fez o país atirar-se num processo de internacionalização. Ademais, o grande capital chinês, privado ou estatal, teve necessidade de expandir-se globalmente e penetrar em outros mercados, seja em países em desenvolvimento, seja em países desenvolvidos.

As transformações ocorridas na estratégia de internacionalização dos capitais chineses, a partir do século XXI, foram importantes para a economia daquele país. O Estado chinês contribuiu, por meio de uma série de políticas, para que as empresas pudessem expandir sua produção para além das fronteiras da República Popular da China (RPC). O processo iniciado no período pós-reformas, 1979, intensificou-se, sobremaneira, após a entrada do país para a Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001. A internacionalização está intimamente ligada à manutenção do crescimento econômico chinês e aos planos de ampliação do poder geopolítico do gigante asiático.

A China tem enfrentado profundas transformações desde o fim da Era Mao (1949-79). As reformas capitaneadas por Deng Xiaoping representaram uma grande viragem no desenvolvimento do país. O incentivo a internacionalização das empresas chinesas foi, sistematicamente, ampliado desde o início dos anos 2000. O país mais populoso do mundo com 1,403 bilhão de habitantes, tem 56% de sua força de trabalho composta por homens. As exportações chinesas tornaram-se sofisticadas, paulatinamente, e hoje 94% do total das vendas externas são bens manufaturados (UNCTADSTAT, 2018).

O objetivo deste trabalho é lançar luz sobre o processo de internacionalização dos capitais chineses, desde a entrada do país para a Organização Mundial do Comércio. Discutiremos as estratégias adotadas pela China na busca de oportunidades de negócios nos mais variados destinos do globo. Examinaremos as prioridades dos investimentos, os setores e regiões em que eles estão alocados e o seu comportamento ao longo dos últimos anos.

Dedicamos o primeiro capítulo à esta apresentação do trabalho discorrendo sobre as motivações que nos levaram a tratar do tema, bem como sua relevância. Apresentamos também a metodologia utilizada e as fontes de pesquisas que nos serviram de subsídio para desenvolvimento da dissertação.

No capítulo II abordamos alguns elementos que nos ajudam a compreender o contexto histórico da ascensão chinesa. O período em que Mao Tsé-Tung ficou à frente do país – conhecido como Era Mao ou Período Maoísta (entre 1949, com a fundação da República Popular da China, e 1976, ano de sua morte) – permitiu que a China reunisse condições para reconstruir-se depois de um século¹ de guerras ou invasões de potências estrangeiras e lograsse determinado êxito no desenvolvimento do país. Após a Era Mao, as reformas impulsionadas por Deng Xiaoping colocaram a China nos trilhos rumo à abertura para o mundo. Aproveitando-se do fenômeno da globalização, os chineses ampliaram suas relações internacionais, de modo especial com os Estados Unidos.

O capítulo III traz alguns elementos explicativos sobre o processo de internacionalização dos capitais chineses, como por exemplo, a necessidade de acumulação de capital e de construção de esferas de influência, os interesses geopolíticos, a atuação em grupos de países e

¹ Também conhecido como os “cem anos de humilhação nacional”, diz respeito ao período em que a China foi subjugada por países ocidentais e pelo Japão. Iniciado com a guerra Anglo-Chinesa - Guerra do Ópio, em 1839 - teve seu fim com o término da Segunda Guerra Mundial e, em seguida, com a instituição da República Popular da Chia.

organismos internacionais, bem como a necessidade orgânica de internacionalização dos capitais pela lógica de expansão das próprias firmas chinesas.

No quarto capítulo apresentaremos a trajetória da internacionalização dos capitais chineses, tanto na periferia, quanto no centro. A distribuição geográfica, com os principais destinos dos investimentos chineses e os setores em que eles estão alocados. Abordaremos também as formas em que os investimentos apresentam-se ao longo do globo – fusões e aquisições, *greenfields* e *joint-ventures*.

O capítulo V foi destinado para algumas considerações finais sobre o processo de internacionalização dos capitais chineses ao longo do início do século XXI, processo este que ainda está em curso.

1.2 TEMA

O processo de internacionalização, em suas dimensões políticas e econômicas, iniciado no final da década de 1970, com a formalização do reatamento diplomático com os Estados Unidos, e intensificado no início da primeira década do século XXI, com a entrada da China para a Organização Mundial do Comércio, contribuiu para o elevado crescimento da economia chinesa. A China tirou proveito da chamada globalização para os seus próprios interesses nacionais. Na nova etapa das primeiras décadas do século XXI surge o investimento direto estrangeiro (IDE) chinês, que hoje está presente em todos os setores da economia global – primário, secundário e terciário. Mas há uma canalização e prioridade do IDE para setores estratégicos – matérias-primas e energia – para a manutenção do crescimento econômico chinês. A necessidade de matérias-primas como minério e petróleo, por exemplo, direcionam os investimentos para regiões com esses insumos.

Diante dos desafios de garantir a continuidade do ritmo de crescimento da economia e da necessidade crescente de insumos produtivos, a China rompe suas fronteiras em busca de novas oportunidades de negócios nos quatro cantos do globo. Por meio de fusões e aquisições, *joint-ventures* e *greenfields* o país garante o acesso aos insumos, adquire novas tecnologias - que possibilitem saltos no desenvolvimento produtivo – e amplia seu poder de atuação no cenário geopolítico internacional.

1.3 BREVE REFERÊNCIA HISTÓRICA

O processo de abertura econômica chinesa iniciado a partir dos anos 1979 foi importante para a trajetória de crescimento do país que tornou-se um destino atrativo para o investimento direto estrangeiro (IDE), inclusive da própria diáspora chinesa no mundo. Posteriormente, ocorre o crescimento do processo de internacionalização das empresas chinesas. No início da década de 1980 o volume de investimento chinês no mundo era bastante tímido e as entradas somavam US\$ 57 milhões. Dez anos depois houve um crescimento significativo nas entradas com US\$ 3,4 bilhões – mais de 60 vezes o volume registrado anteriormente – e nas saídas que somaram US\$ 830 milhões. O fluxo de IDE continuou elevando-se e no ano 2000 a entrada de investimento na China ultrapassou os US\$ 40 bilhões e a saída apresentou um pequeno crescimento, em torno de 10%, chegando a US\$ 915 milhões.

Os incentivos financeiros dados às empresas foram importantes para o êxito da estratégia econômica do Estado chinês. O *China Development Bank* (CDB) e o *China Export and Import Bank* (*Exim Bank*) foram os principais fornecedores de crédito subsidiado para as empresas, com destaque para o *Exim Bank*. O apoio às empresas não se resumiu apenas a normas e/ou regulamentos para investimento no exterior, o governo criou uma série de vantagens para a internacionalização tais como: incentivos financeiros e fiscais, apoio técnico e informações sobre os países de destino dos investimentos e acordos internacionais (ACIOLY; LEÃO, 2011).

A entrada da China para Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, e a política “*Going Global*”, em 2002, - incentivando a internacionalização de empresas estratégicas para o desenvolvimento econômico do país - representaram uma expressiva elevação no fluxo de saída de IDE. Em 2010, o montante de investimento a ingressar na China foi de US\$ 114,4 bilhões e o volume de saída totalizou US\$ 68,8 bilhões. O fluxo de IDE, em 2015, registrou números bastante distintos dos observados na década de 1980, a entrada somou US\$ 135,6 bilhões e a saída alcançou gigantescos US\$ 127,6 bilhões. Observa-se que ao longo de três décadas e meia, 1980-2015, a China tornou-se uma grande receptora e emissora de investimentos e tem reduzido, continuamente, o *gap* entre as entradas e as saídas de IDE em sua economia.

Atualmente, o país sob a liderança do presidente Xi Jinping coloca em marcha um ambicioso projeto, “*One Belt, One Road*” - investimento estimado em US\$ 900 bilhões (BBC, 2017),

que pretende integrar, por terra e mar, Ásia, Europa e África, formando um gigantesco corredor comercial entre essas regiões. Inspirada na antiga Rota da Seda - que ligava os três continentes numa intensa via de comércio, construída entre 206 a.C. e 220 d.C. durante a dinastia Han (DRUMMOND, 2017) - a iniciativa pretende integrar mais de 60 países com investimentos em rodovias, ferrovias e portos, criando uma rota para o desenvolvimento das relações comerciais e fluxo de pessoas entre esses países (PERLEZ; HUANG, 2017). O projeto objetiva criar uma rota de comércio terrestre, “*Silk Road Economic Belt*,” e outra rota marítima, “*Maritime Silk Road*,” com elevados investimentos chineses em infraestrutura em conjunto com os países signatários.

Anunciado em 2013 por Xi Jinping “*One Belt, One Road*” começou a tomar forma com o lançamento do “*The Vision and Actions on Jointly Building the Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road*” que delimitava os objetivos do projeto, dentre os quais estão a coordenação de políticas voltadas para a construção de infraestrutura, a integração financeira, o livre comércio e o intercâmbio cultural entre os povos, tudo, supostamente, assentado no princípio do crescimento compartilhado (MENGJIE, 2017).

Assim, a China amplia, sistematicamente, sua influência no mundo. Neste sentido, na retórica das autoridades chinesas, as relações diplomáticas e comerciais com outras nações são norteadas pelos “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica,²” como se fosse um contraponto aos princípios colonialistas de relações internacionais das potências ocidentais (JABBOUR, 2012).

1.4 RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA

A China mantém uma política de estreitamento de laços com seus vizinhos asiáticos, fomentando projetos de infraestrutura, reforçando laços comerciais e contribuindo para o desenvolvimento dos países fronteiriços. Assim, segundo Cintra e Pinto (2017), a estratégia de permitir que seus vizinhos se beneficiem das externalidades de sua ascensão fortalece a diplomacia “ganha-ganha”. A histórica relação comercial e produtiva entre os países da região também ajuda a explicar o intenso relacionamento entre a China e os países da própria Ásia.

² 1. Respeito Mútuo à Soberania e integridade nacional; 2. Não agressão; 3. Não intervenção nos assuntos internos de um país por parte de outro; 4. Relação de igualdade e benefícios mútuos; 5. Coexistência pacífica entre Estados com sistemas sociais e ideológicos diferentes.

Na América Latina os recursos naturais - mineração e petróleo, por exemplo - tão indispensáveis para a pujante economia chinesa são os principais destinos para o investimento chinês. A aquisição de participação acionária em empresas mineradoras faz parte da estratégia de atuação dos capitais chinês, entretanto, nem sempre essa maneira de agir é bem vista pelos países receptores dos investimentos. Nesse caso, uma saída menos traumática é a constituição de *joint-ventures* para a produção conjunta com empresas locais (HOLLAND; BARBI, 2010).

A relação sino-africana tem sido construída ao longo das últimas décadas de maneira consistente. A criação do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) representou um importante instrumento de atuação chinesa na África, com a redução de tarifas de produtos vindos de países menos desenvolvidos, além de projetos de construção de infraestrutura no continente (VISENTINI; OLIVEIRA, 2012).

O modelo de atuação chinês na África diverge das relações Estados Unidos/África e Europa/África. A cooperação mútua para o desenvolvimento e a não-intervenção nos assuntos internos de cada nação, sem a imposição de cartilhas de conduta condicionante, são bem distintos dos modelos praticados por EUA e Europa. Esse modelo sino-africano sofre críticas de acadêmicos e meios de comunicação ocidentais que acusam a China de apoiar, financeira e politicamente, regimes ditatoriais – como o Sudão – contribuindo para elevação dos níveis de corrupção e prejudicando os esforços da Comunidade Internacional de promover a democracia e os direitos humanos na região (BRITES *et al.*, 2012). Para os países africanos e a China, a aproximação entre as partes é benéfica, gerando desenvolvimento mútuo e consolidando os laços diplomáticos, conforme o discurso oficial do governo chinês. Entretanto, "forças políticas e mídias Ocidentais (especialmente EUA, Reino Unido, França) afirmam que o envolvimento de Pequim com o continente africano não passa de uma espécie de neoimperialismo à chinesa". (VISENTINI; OLIVEIRA, 2012, p. 35).

A presença chinesa no continente africano tem, sistematicamente, mudado a correlação de forças na região. Empresas europeias e norte-americanas que possuíam grande participação na África estão perdendo espaço para empresas chinesas e *joint-ventures*.

É importante ressaltar que do ponto de vista econômico, a África tem uma importância marginal no fluxo de comércio chinês, que concentra seus negócios com a Ásia, União Europeia e Estados Unidos. Entretanto, para os países da região, a demanda chinesa tem um peso muito significativo. Do ponto de vista político, particularmente no que tange às negociações no âmbito da OMC, a RPC tem cerrado fileiras com países em desenvolvimento

para pressionar os países industrializados a flexibilizar políticas protecionistas no setor agropecuário. (PIRES, 2007, p. 5).

Assim a China amplia sua atuação diplomática e econômica no cenário internacional contribuindo para o processo de internacionalização de seus capitais.

1.5 PROBLEMA DA PESQUISA

Como tem ocorrido o processo de internacionalização dos capitais chineses, a partir do início dos anos 2000 em áreas como infraestrutura, manufatura, serviços/finança, montagem/“maquila”, quanto às prioridades (energia, alimentos, matérias-primas) e no que tange ao ritmo e ao nível dos investimentos, transferência de tecnologia e principais destinos em termos de regiões e países?

1.6 OBJETIVO GERAL

Compreender o fenômeno da internacionalização dos capitais chineses a partir dos anos 2000, considerando as políticas do Estado chinês e destacando as áreas, prioridades, ritmo e nível dos investimentos, transferência de tecnologia, principais destinos e países.

1.7 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as características e particularidades do processo de internacionalização e considerar as políticas do Estado chinês de incentivo à internacionalização.
- Fazer breves referências ao relacionamento dos capitais chineses com os Estados Nacionais receptores.

1.8 METODOLOGIA

A pesquisa a ser desenvolvida é qualitativa, amparada com dados, fatos e bases empíricas, segundo enquadramento da Economia Política e Economia do Desenvolvimento. O estudo está delimitado, temporalmente, a partir dos anos 2000. Não serão discutidos problemas de outras naturezas como mercado financeiro, crédito, mudança no padrão de desenvolvimento, dentre outros. Serão feitas algumas referências a um ou outro aspecto das semelhanças e diferenças do processo de internacionalização chinesa em relação aos países centrais.

1.9 FONTES

Artigos e estudos de especialistas em China serão referência para essa dissertação. Ademais, utilizaremos fontes secundárias - relatórios, pesquisas e afins - de instituições internacionais e nacionais: Fundo Monetário Internacional (FMI); Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); Banco Mundial (BM), Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD); Ministério do Comércio da República Popular da China (MOFCOM); e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para analisar o comportamento dos investimentos chineses em suas divisões – fusões e aquisições, *joint-ventures*, *greenfield* -, os setores e países de destino, bem como a evolução ao longo do recorte temporal da pesquisa.

1.10 ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

O capítulo II dedica-se a realizar um breve relato sobre o contexto histórico da ascensão da China. No capítulo III abordaremos alguns elementos explicativos da internacionalização dos capitais chineses. O quarto capítulo trata da trajetória da internacionalização dos capitais chineses. E no capítulo V apresentaremos algumas considerações finais.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA ASCENSÃO CHINESA

2.1 A ERA MAO NA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A China passou por longos períodos de conflitos internos e invasões estrangeiras. As guerras nos séculos XIX e XX deixaram o país devastado. Com a instauração da República Popular da China, em outubro de 1949, o país inaugurou o processo de sua reconstrução como nação soberana. No período em que Mao Tsé-Tung esteve à frente do Governo chinês houve profundas mudanças na estrutura social e econômica da China. A Era Mao ou Maoísta – como ficou conhecido o período em que Mao esteve à frente da República Popular da China – foi marcada pela tensão política da tentativa de construção do socialismo. Mao incitava o levante das massas para a construção de uma nação mais igualitária. Contraditoriamente, o período Mao registrou avanços econômicos e forte igualdade social, ao lado de repressão política, pobreza e novos impasses econômicos gerais (SOUZA, 2007).

A China era um país essencialmente agrário, grande parte de sua população residia no campo e gozava de uma estrutura própria de subsistência, por isso a revolução deveria começar pelo campo. As imensas massas camponesas deveriam cercar as cidades: ao contrário de outras revoluções, haveria um cerco do campo sobre a cidade. Na guerra civil, a luta entre os comunistas e o governo *Guomindang*³ foi bastante intensa. As regiões em que os comunistas obtinham vitória eram radicalmente transformadas por meio da reforma agrária e da instalação do novo governo local.

Depois da vitória da Revolução comunista, em outubro de 1949, implementaram-se as medidas de reforma agrária, industrialização e relançamento produtivo do país, superando décadas de guerra civil, além da invasão japonesa na Segunda Guerra Mundial. No fim dos anos 1950, o II Plano Quinquenal consistiu no assim chamado “Grande Salto à Frente”.

Mao pôs em marcha seu programa denominado “Grande Salto à Frente” com o objetivo de promover o desenvolvimento chinês. Entretanto, esse ambicioso plano submeteu o país a uma situação de dificuldades. O fracasso do Grande Salto deveu-se: (i) às perdas agrícolas geradas pelos graves problemas climáticos; (ii) à retirada do apoio e dos técnicos soviéticos, com interrupção de muitos projetos industriais; e (iii) à natureza claramente exagerada das metas econômicas em prazo exíguo. Os resultados ficaram aquém do esperado e a conclusão é que o

³ Partido Nacionalista, governante, liderado naquela época pelo general Chiang Kai Shek.

programa foi um fracasso. Apesar da rotulação negativista de analistas do Ocidente sobre o conjunto da Era Mao (de 1950 até 1976/1979), o que se observa é um resultado global diferente. A China saiu de um cenário de destruição, causado pelas intensas guerras, para transformar-se em um país industrializado (SOUZA, 2007). Os esforços no período maoísta de construção de um país diferente não alcançaram os objetivos almejados, mas contribuíram para que a China avançasse na construção das bases de seu crescimento, atualmente, sem igual.

2.2 REFORMAS

A China, em contraste ideológico com a Era Mao, mergulhou num processo profundo e gradual de mudanças, que alguns autores classificam como restauração capitalista. Diversas reformas foram postas em marcha na direção da “modernização” – ou reconstituição da dominação do capital. O campo, o mercado de trabalho e a estrutura produtiva sofreram alterações marcantes que mudaram a trajetória de crescimento e a posição da China no mundo.

O processo de transformação chinês foi gradual e as reformas, empreendidas desde o fim da Era Mao, tinham o objetivo estratégico de colocar a China em novos e elevados trilhos como potência econômica. Nesse sentido,

O Estado deveria ser reorientado para liderar o esforço de modernização econômica, no sentido específico de favorecer, com incentivos e proteção, a atração de capitais privados estrangeiros e, simultaneamente, preservar determinada presença estatal direta na esfera produtiva. A aposta e a confiança nos efeitos estruturais e positivos da integração com o mercado mundial levaram à política de portas abertas e de estreitamento das relações com o Japão e o Ocidente, sobretudo os Estados Unidos. (SOUZA, 2007, p. 183).

As reformas no âmbito econômico foram centradas em três eixos, a saber: “1. subsunção do plano ao mercado; 2. liberalização da posse e da propriedade em detrimento da coletivização da agricultura e da empresa estatal; e 3. integração à economia mundial” (SOUZA, 2007, p. 189). Desse modo, as ações adotadas pelo Estado estavam em alinhamento com esses três eixos. As transformações foram introduzidas de maneira gradual, sem rupturas drásticas, por meio de projetos-pilotos em áreas pré-determinadas.

O campo foi o lugar de partida das reformas, a descoletivização da terra permitiu o surgimento das *Township and Village Enterprises* (TVEs), pequenas empresas industriais

localizadas em áreas rurais. A modernização da agricultura liberou mão de obra para outros setores, diferentemente do que aconteceu em outros países, essa mão de obra não migrou, totalmente, para cidade, ela foi absorvida, em parte, pelas TVEs localizadas nos vilarejos e entorno. De acordo com Jabbour e Dantas (2017), o início das reformas econômicas foi marcado por um aumento da renda camponesa *pari-passu* com a demanda por bens de consumo – providos pelas TVEs.

A criação das *Special Economic Zones* (SEZ) permitiu a conexão das regiões chinesas com o resto do mundo. Nas SEZ os capitais nacionais e estrangeiros instalavam empresas, em sua maioria intensivas em trabalho, com incentivos fiscais, isenções tributárias para importação de peças e componentes, livre negociação com a força de trabalho e sem a interferência do Estado. A soma dessas benevolências permitiu que as empresas instaladas nessas SEZ lograssem grande competitividade na exportação de sua produção. Outra reforma que gerou profunda mudança na China foi na regulação estatal do trabalho. A criação do mercado de trabalho propiciou a formação de uma imensa massa de trabalhadores disponível para participar do rápido crescimento econômico do país. A desestatização da estrutura produtiva chinesa permitiu o surgimento de novas empresas não-estatais – empresas constituídas com capitais privados domésticos ou estrangeiros – bem como a venda de centenas de empresas estatais de menor porte (SOUZA, 2007).

As reformas graduais iniciadas a partir de 1978 concorreram para formar as bases estruturantes do exitoso crescimento econômico logrado pela China nos últimos anos. Entretanto,

O desenvolvimentismo chinês não pode ser visto como uma tendência introduzida pelas reformas econômicas de 1978. Assim, é mais prudente caracterizar as reformas econômicas como a internalização de um tipo de desenvolvimento asiático substituindo um modelo de crescimento historicamente determinado, que penaliza o campo sobre a cidade, evitando assim a simples negação do período anterior, como às vezes ocorre em análises de processos históricos complexos. (JABBOUR; DANTAS, 2017, p. 790, tradução nossa).

Desse modo, o processo de transformação estrutural da economia chinesa, sem igual nos últimos anos, passa pelas reformas que abriram a China, em parte, para o mundo, mas, sem dúvidas, também é fruto de um projeto de longo prazo que, gradualmente, leva o país na direção do desenvolvimento.

No âmbito do campo, as reformas promoveram a descoletivização do campo pondo fim as comunas populares e alterando a relação dos camponeses com a terra. Com o fim do “*Iron rice bowl*” – direitos sociais dos chineses que eram garantidos pelas empresas – uma parcela dos trabalhadores perdeu sua estabilidade, empregos e sua situação foi precarizada ao extremo. Aliada à reforma no campo, que liberou uma grande quantidade de mão de obra, a reforma do mercado de trabalho criou um gigantesco exército de trabalhadores disponível e com direitos fragilizados (SOUZA, 2007).

A estrutura produtiva chinesa também foi alterada de modo profundo. Teve início um processo de desestatização das empresas nacionais com a venda de uma série de empresas de pequeno e médio porte. A desestatização da economia chinesa não se deu apenas pela venda das empresas, mas também pela permissão da criação de empresas privadas. Por isso, o processo de desestatização foi bastante pronunciado, pois, anteriormente, não existiam empresas privadas na China, apenas empresas de propriedade do Estado chinês.

Todas as reformas postas em marcha direcionaram a China para a integração à economia mundial. As mudanças no campo, no mercado de trabalho e na estrutura produtiva permitiram a atração de capital estrangeiro para produção e exportação de mercadorias. As reformas na esfera financeira ainda estão sendo introduzidas gradativamente - *modus operandi* do governo chinês para qualquer mudança – para permitir a ampliação da atuação chinesa nas finanças globais.

As previsões de alguns economistas, inclusive da *The Economist*, sobre o futuro da China - que após a Era Mao, sob o comando de Deng Xiaoping, pôs em marcha um processo de reformas gradualistas – mostraram-se equivocadas. Esses economistas defendiam a tese que era necessário o abandono, por parte do Estado chinês, das reformas gradualistas em favor de uma política radical de choques na economia (ARRIGHI, 2008). A China conseguiu enfrentar com dinamismo a crise asiática de 1997 – inclusive ajudando os parceiros asiáticos a superarem a crise -, assim como a crise da bolha econômica de 2001, nos Estados Unidos, transformando-se no motor de crescimento da região asiática. Desse modo, a China disse não às orientações do Consenso de Washington e seguiu sua própria estratégia de desenvolvimento.

2.3 APROVEITAMENTO DA GLOBALIZAÇÃO

A atuação do governo chinês foi além dos incentivos fiscais e financeiros, a assistência técnica e o apoio com informações dos destinos dos investimentos também estiveram presentes na rede de auxílio às empresas. Dentre as informações sobre os países destinatários dos investimentos chineses estavam itens como: os setores promissores para investimento, as condições políticas e econômicas, além de informações culturais e costumes das localidades. A capacitação e orientação para os investimentos, e outros serviços como seguros e avaliações de risco também foram instrumentos utilizados pelo Estado chinês para promover a internacionalização. Completam os esforços do governo chinês os acordos internacionais que davam segurança jurídica aos investimentos, além de fomentá-los (ACIOLY; LEÃO, 2011).

Segundo Backaler (2014), é possível elencar cinco razões do processo de internacionalização das empresas chinesas, a saber: inserção em novos mercados; acesso a inovações tecnológicas; incorporação de experiência na gestão global; aquisição de marcas estabelecidas e a transformação de empresas em campeãs nacionais.

A China possui um mercado interno com uma demanda gigantesca – 1,403 bilhão de habitantes segundo dados do Banco Mundial – a ser suprida, mas a inserção em novos mercados permite que as empresas chinesas diversifiquem ainda mais a sua atuação, ampliando assim o espaço para crescimento dessas companhias. O acesso à tecnologia de ponta possibilita às empresas internacionalizadas a obtenção de uma fatia maior de mercado, alcançando lucros elevados. Outra característica importante da internacionalização é a incorporação da experiência na gestão global, o *know-how* na administração de uma empresa que ultrapassa as fronteiras de seu país de origem é fundamental para a trajetória de crescimento da companhia.

A aquisição de marcas estabelecidas é uma estratégia bem sucedida para as empresas chinesas. De acordo com Backaler (2014), construir uma marca do zero demanda tempo e volumosas quantias em dinheiro; conseguir a confiança dos consumidores é um desafio para as empresas chinesas e dessa maneira, a compra de marcas reconhecidas facilita a entrada das empresas chinesas nos mercados estrangeiros. Por fim, a transformação das empresas chinesas em campeãs nacionais – principalmente, as empresas estatais – está em sintonia com a atuação do Estado chinês.

Um outro fator para essas empresas tornarem-se potências econômicas é ampliar o poder de atuação e a influência da China no mundo. Na busca por um crescimento sustentado e que gere retornos positivos para seus cidadãos o Governo chinês põe em marcha um plano ambicioso para transformar a China, até seu aniversário de centenário de constituição da república, em uma nação desenvolvida. Cintra e Pinto (2017) trazem os dois pilares principais da estratégia chinesa para alcançar suas ambiciosas metas: de acordo com os autores, a China busca ampliar a utilização de sua moeda *renminbi* no cenário mundial e internacionalizar seu capital através de grandes projetos de infraestrutura transnacional ao longo do globo e de maneira pronunciada em seu entorno.

O modelo de crescimento, baseado no investimento, alcançou rápido sucesso e desenvolvimento. No entanto, esse modelo acentuou os desequilíbrios econômicos e sociais. As reformas postas nos trilhos da história por Deng Xiaoping, após o fim da Era Mao, conduziram a China para esta trajetória de crescimento. A desestatização das empresas - permitindo a criação de empresas privadas e vendendo parte das empresas estatais -, a criação de um mercado de trabalho - com trabalhadores disponíveis, órfãos do *iron rice bowl* - e os investimentos em áreas estratégicas foram algumas das medidas adotadas no período das reformas chinesas. Fato importante a ser lembrando é o teor gradual de implementação dessas reformas. A implementação em “áreas testes” para depois expandir para todo o país foi, e ainda é, utilizado pelo governo para a adoção de políticas voltadas para o desenvolvimento.

As reformas e abertura chinesa para o mundo, nas palavras do atual presidente Xi Jinping, foram fundamentais para que a China alcançasse seu atual patamar

É provado pelos fatos que, sem reforma e abertura, não teríamos a China de hoje, para já não dizer do seu futuro. Por meio de reformas, temos resolvido uma série de problemas importantes. Daqui para a frente, insistiremos em usar o mesmo instrumento para superar as dificuldades e desafios no nosso caminho. Temos definido a meta de "dois centenários". Isto é, duplicar até 2020 o PIB e a renda per capita na base de 2010 e consumir a construção integral de uma sociedade modestamente acomodada, e culminar em meados do presente século a transformação do nosso país num país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, civilizado e harmonioso, concretizando o sonho chinês de grande rejuvenescimento da nação chinesa. Estamos no processo de aprofundar de maneira integral as reformas, aprimorar e desenvolver o sistema socialista com peculiaridades chinesas e promover a modernização do sistema e capacidade da governança do país. Vamos implementar de modo coordenado as reformas dos sistemas econômico, político, cultural, social, de civilização ecológica e construção do partido. (SAFATLE; RITTNER, 2014).

Atualmente, a China tem um papel de destaque no cenário econômico e geopolítico mundial, o destaque não diz respeito apenas ao fato de ser a segunda maior economia do globo, mas pelo posicionamento em relação aos demais países e, principalmente, na busca de redução do poder norte-americano na região asiática. A construção de acordos bilaterais e multilaterais com países das diversas regiões (América do Sul, África, Europa e Ásia) aumenta a atuação chinesa no mundo. A tentativa de tornar o *renminbi* reserva de valor internacional e uma moeda conversível internacionalmente, leva a China a firmar diversos acordos que tornam as transações em *renminbi* possíveis globalmente – esse movimento segue na direção da redução da dependência da moeda norte-americana (CINTRA; PINTO, 2017).

O outro braço da estratégia está na internacionalização do capital chinês por meio do investimento em diversos projetos de dimensões colossais em diversas regiões do mundo - de forma intensificada nos países em desenvolvimentos e nos países vizinhos. O investimento nesses megaprojetos cria laços de dependência entre os países receptores e a China, a contrapartida destes aportes está na abertura dos mercados para os produtos chineses e para a exportação de commodities necessárias para o processo de crescimento chinês. Outro incentivo à internacionalização do capital é a baixa rentabilidade dos ativos em moeda americana, dada a baixa taxa de juros. Os chineses aproveitaram-se das oportunidades oferecidas pela globalização e deixam claro o seu projeto de ampliação de poder econômico e geopolítico. Os desafios são grandes, mas o dragão parece não temê-los e dá indícios que não medirá esforços para atingi-los.

2.4 BREVE MENÇÃO ENTRE A RELAÇÃO CHINA E ESTADOS UNIDOS

O processo de abertura da economia chinesa se deu de maneira gradual a partir da atuação de Deng Xiaoping em 1978. Entretanto, como ressalta (JABBOUR, 2012, p. 257), Mao Tsetung, “foi (...) o primeiro a intentar esse objetivo com o aceno à retomada de relações com os Estados Unidos na esteira da ‘diplomacia do *ping-pong*’, iniciada em 1971, que culminou com a visita de Richard Nixon ao país no ano seguinte”. O relacionamento entre os dois países ao longo das décadas seguintes foi estreitando-se com a restauração plena das relações diplomáticas em 1979 e o reconhecimento do país asiático como “nação mais favorecida” comercialmente, pelo presidente norte-americano Bill Clinton (JABBOUR, 2012).

Desde então, o relacionamento comercial entre esses dois países vem crescendo, sistematicamente, em 2016, o volume transacionado entre China e Estados Unidos chegou a

US\$ 578 bilhões. Em comparação com outros parceiros comerciais dos Estados Unidos é possível perceber o quão é expressivo o relacionamento sino-americano – Estados Unidos e Reino Unido US\$ 110 bilhões; Estados Unidos e Índia US\$ 68 bilhões (LAVIN, 2017). O desenvolvimento da indústria e o acelerado processo de modernização ajudam a explicar o extraordinário crescimento logrado pela China nas últimas décadas, “entretanto, parte do dinamismo chinês decorre da integração produtiva entre esse país e os Estado Unidos (eixo sino-americano)” (PINTO; GONÇALVES, 2015, p. 476).

A China, desde sua entrada para a Organização Mundial do Comércio (OMC), ampliou suas exportações para o mundo. Em 2001, o montante exportado somou US\$ 1,32 trilhão, uma década depois alcançou os US\$ 8,23 trilhões, em 2012. O país asiático é o maior exportador do mundo e o segundo maior importador, entre os itens exportados estão os produtos industriais - mecânicos e elétricos. O título de maior importador do mundo pertence aos Estados Unidos que ocupam a segunda posição em termos de exportação (GENG, *et al.*, 2017).

O relacionamento entre os dois países perpassa pelo campo econômico, diplomático e geopolítico. Em comunicado publicado pelo escritório do secretário de imprensa, na administração Obama, há uma série de compromissos firmados entre os dois países.

Os Estados Unidos e a China comprometem-se a fortalecer e modernizar o sistema multilateral de financiamento do desenvolvimento. Ambos os países decidem fortalecer ainda mais o Banco Mundial, o Banco Asiático de Desenvolvimento, o Banco Africano de Desenvolvimento e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, aumentando sua capacidade financeira, reformando sua governança e melhorando sua efetividade e eficiência. Em consonância com o seu desenvolvimento, além de ser um acionista e mutuário, a China pretende aumentar significativamente seu papel como doador em todas essas instituições. (PRESS SECRETARY, 2015, tradução nossa).

O comunicado apresenta, em suas entrelinhas, as aspirações chinesas – acessar mais espaços de poder e ter maior influência no cenário geopolítico – ao reforçar a intenção asiática de ampliar sua atuação nessas instituições.

A China é o maior credor⁴ dos Estados Unidos com US\$ 1,2 trilhão em títulos do Tesouro (RENNISON, 2017), além disso, o gigante asiático tem US\$ 3,081 trilhões⁵ de reservas

⁴ China e Japão são os dois principais credores norte-americanos, juntos eles possuem mais de um terço da participação estrangeira no total de títulos do Tesouro dos EUA. Eles alternam-se no posto de maior credor.

denominadas em dólar (BLOOMBERG, 2017). Esse expressivo montante de reserva precisa encontrar meios de alcançar uma rentabilidade maior que os juros praticados pelos Estados Unidos. Dessa forma, a busca por novas oportunidades de investimento está presente na pauta chinesa.

⁵ Valor registrado em julho de 2017.

3 ALGUNS ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES

3.1 ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA GEOPOLÍTICA

A integração produtiva na Ásia precedeu a criação de instrumentos formais para a viabilização de acordos de cooperação. Naquela região, a integração produtiva deu-se, com investimentos empresariais e transferência de tecnologia entre empresas, com o intuito de alcançar ganhos de escala que permitissem a essas empresas concorrerem em escala global. “Nesse sentido, o papel dos Estados asiáticos seria secundário aos fluxos existentes, facilitando-os em vez de criá-los.” (BACELETTE, 2012, p. 22). A evolução do regionalismo na Ásia passou pela ampliação das atribuições da *Association of Southeast Asian Nations* (ASEAN)⁶ - criada, em 1967, com o objetivo de promover a segurança dos Estados nacionais com o fim do colonialismo europeu na região – que a partir da crise que atingiu os países asiáticos em 1997 passou a incorporar a dimensão financeira e pela entrada da China no *Asia-Pacific Trade Agreement* (APTA),⁷ em 2001 (BACELETTE, 2012).

A ampliação da atuação chinesa na região colaborou para elevar o dinamismo econômico e a interdependência entre os Estados asiáticos. A mudança de postura na condução da política regional - nas esferas diplomática, econômica e militar – contribuiu para a mudança na percepção da China por parte de seus vizinhos. Assim, “*partly as a result of this new posture, China’s image amongst Asian neighbours has improved remarkably*” (MINGJIANG, 2007, p. 2). Anteriormente, vista como ameaça aos interesses internos de cada país, hoje “*most nations in the region now see China as a good neighbor, a constructive partner, a careful listener, and a nonthreatening regional power*” (SHAMBAUGH, 2005, p. 64).

Outro objetivo almejado pela China com sua política de “boa vizinhança” é disputar espaço com os outros atores que possuem grande influência na região, como Estados Unidos e Japão, sem criar graves conflitos diplomáticos. Desse modo,

⁶ Atualmente, 10 países integram a associação: Brunei Darussalam, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Vietnã. Promover o crescimento econômico, assegurar a paz e a harmonia regional são os principais objetivos da ASEAN.

⁷ Originalmente, chamado *Bangkok Agreement* foi assinado em 1975 e teve seu nome alterado para APTA, em 2005. Tem por objetivo promover o desenvolvimento econômico entre os Estados membros, por meio de iniciativas de liberalização comercial e investimento. São signatários Bangladesh, China, Índia, Mongólia, Coreia do Sul, Laos e Sri Lanka.

Líderes chineses têm consciência de que, para se firmar como potência global, a China deve ter bem definido seu status de potência regional, com ampla aceitação dos países circunvizinhos, como pré-requisito para sua ascensão internacional. (BACELETTE, 2012, p. 29).

O avanço do *modus operandi* diplomático chinês não está circunscrito à Ásia, a relação sino-africana – iniciada, oficialmente, em 1956 com o estabelecimento de relações diplomáticas entre China e Egito (VISENTINI; OLIVEIRA, 2012) – vem crescendo ao longo dos anos. O *Forum on China-Africa Cooperation* (FOCAC)⁸ ampliou as relações diplomáticas e econômicas entre a China e os países africanos, pondo nos trilhos uma estratégia *win-win* de cooperação. Segundo o discurso chinês, o país ganha ao garantir sua fonte de matérias-primas para a continuação de seu desenvolvimento e os países africanos recebem grandes obras de infraestrutura, investimentos em projetos de pesquisa, saúde e educação, alcançando níveis de desenvolvimento que, anteriormente, não eram possíveis.

Do ponto de vista da retórica oficial do Governo chinês, nas relações com os países africanos, a China promove o sentimento de cooperação e amizade, evitando praticar ações paternalistas, associadas à conduta do ocidente para com a África. A República Popular da China (RPC) autoidentifica-se como país em desenvolvimento e ex-colônia, o que a aproxima dos países africanos (LOPES; NASCIMENTO; VADELL, 2013). Investindo na cooperação Sul-Sul a RPC busca ampliar seu espaço de atuação internacional aumentando sua influência no cenário geopolítico, além de garantir os insumos tão necessários a continuação de seu processo de desenvolvimento econômico acelerado.

3.2 ELEMENTOS EXPLICATIVOS DA NECESSIDADE DE ACUMULAÇÃO E ESFERAS DE INFLUÊNCIA

A globalização iniciada a partir da ruptura de *Bretton Woods* e da expansão do modelo neoliberal provocou mudanças nas esferas financeira, comercial e produtiva. A liberalização financeira contribuiu para a livre circulação e valorização acelerada dos fluxos financeiros, reduzindo os entraves que impediam a obtenção de rentabilidade positiva para empresas que vertessem recursos para aplicações financeiras ao invés de investimentos produtivos. A abertura comercial propiciou a redução de diversas barreiras protecionistas ampliando a

⁸ O fórum que teve a primeira conferência, em outubro de 2000, na capital chinesa tinha como objetivos: o debate igualitário entre os países participantes, o aprofundamento da compreensão e ampliação do diálogo, além do fortalecimento da amizade e da promoção da cooperação (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2012).

concorrência entre empresas nacionais e transnacionais nos mercados. A busca incessante de aumento da produtividade e redução dos custos de produção acabou por influenciar na esfera produtiva (PINTO; GONÇALVES, 2015).

A necessidade de acumulação e da elevação da rentabilidade do capital reposicionou grandes multinacionais na direção da fragmentação de seu processo produtivo, deslocando para regiões na qual os custos da mão de obra eram menores, as atividades intensivas em trabalho. Assim, as empresas romperam os limites nacionais para constituírem “cadeias globais de produção”, criando filiais e, em alguns casos, terceirizando parte da produção. Esse movimento, intensificado a partir dos anos 2000, foi bastante expressivo no continente asiático tendo a China como centro de atração (PINTO; GONÇALVES, 2015). A existência de um imenso exército de trabalhadores⁹ e um grande mercado interno, aliado às reformas iniciadas por Deng Xiaoping, tornaram a China um destino atrativo para as multinacionais.

O neoliberalismo e a globalização, fenômenos intensificados a partir de finais do século passado, contribuíram para o dinamismo da economia chinesa, transformando o gigante asiático na “fábrica do mundo”. O crescimento acelerado da China permitiu que o país, em menos de uma década, transforma-se no principal exportador mundial e no segundo maior importador. De acordo com Medeiros (2015, p. 30), “a ascensão chinesa no centro do comércio mundial e na divisão internacional do trabalho decorre de dois processos que, embora inter-relacionados, possuem autonomia e dinâmicas específicas.” O primeiro estaria relacionado à grande urbanização e a industrialização pesada associada a ela, com eco em todo mundo, pois desde o início dos anos 1990 a demanda chinesa por insumos – energia, minerais e alimentos – cresceu de forma constante influenciando os preços dessas commodities. O segundo processo guarda relação com a transformação da China no centro manufatureiro da economia mundial. Ambos os processos, como salientado pelo autor, ajudam a explicar o rápido crescimento da economia chinesa.

A expansão acelerada da economia chinesa das últimas três décadas impõe altos desafios para o Estado. Com uma taxa de formação bruta de capital de 44,3% (WORLD BANK) como proporção do PIB, em 2016, a necessidade chinesa de buscar novos mercados para viabilizar a realização dos investimentos e impedir a instalação de capacidade ociosa na economia torna-se imperativa. Dessa forma, novos projetos de investimentos em mercados, além das

⁹ Criados com a destruição do *Iron Rice Bowl* e a precarização das condições de trabalho.

muralhas, são cada vez mais fulcrais para os planos de crescimento econômico sustentado do país asiático.

Diante do cenário de crescimento rápido, a internacionalização dos capitais nacionais é uma saída para garantir a continuidade da acumulação, necessidade inerente do capitalismo, por meio da aquisição de tecnologia que permita ao país lograr saltos, retirando assim o tempo necessário para desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma, a estratégia de fusões e aquisições garante acesso a essa tecnologia, que, geralmente, está localizada nos países desenvolvidos. O investimento em novas plantas produtivas, *greenfields*, está direcionado para países em desenvolvimento e com a existência de matérias-primas em abundância.

A disputa por novas oportunidades de investimento passa pela influência que o país de origem dos capitais possui no cenário internacional. Nesse sentido, é fundamental a participação em acordos de cooperação e blocos econômicos, objetivando a construção de uma boa relação diplomática e a garantia bons negócios.

3.3 O BRICS COMO ELEMENTO EXPLICATIVO DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA

O grupo de países em desenvolvimento formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (*South Africa*) possui cerca de 26% da área terrestre do planeta - com representantes nos continentes Americano, Europeu, Asiático e Africano – e aproximadamente 46% da população mundial (ITAMARATY, 2014). Os BRICS foram responsáveis, em 2012, por 19,8% do PIB mundial (US\$ 15,76 trilhões), 17,7% das exportações mundiais (US\$ 3,19 trilhões) e 16,1% das importações (US\$ 2,95 trilhões)¹⁰. Assim, o grupo representa uma importante arena de promoção internacional capaz de ensejar posições mais privilegiadas a nível global.

Os BRICS representam uma boa oportunidade para os chineses ampliarem sua participação no comércio e nas relações internacionais. Com a crise financeira 2008/09, os Estados Unidos e as economias europeias foram atingidas por um período de recessão, esse fenômeno levou a China a buscar novas oportunidades com países em desenvolvimento. Nesse cenário, os

¹⁰ Informações extraídas do Relatório elaborado em conjunto pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), Departamento de Promoção Comercial e Investimentos (DPR) e Divisão de Inteligência Comercial (DIC). Disponível em: < <http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/sobre-o-brics/dados-economicos>>.

BRICS – que apesar das diferenças culturais, partilhavam das mesmas condições de crescimento significativo – tornaram-se destino dos investimentos chineses. Segundo Cui (2013, p. 58, tradução nossa), “com o aumento da força econômica, mais e mais empresas chinesas começaram a adotar a estratégia de ‘sair’, fazendo investimentos nas economias emergentes”.

A China, sempre que possível, reafirma sua condição de país em desenvolvimento para aproximar-se dos países na mesma situação e assim transformar as suas demandas em demandas coletivas (CHENG, 2012). Com aliados que comungam das mesmas demandas torna-se mais fácil ampliar o poder de atuação nos organismos internacionais. Um exemplo dessa postura é o *New Development Bank* (NDB) – conhecido como Banco dos BRICS, criado na sexta cúpula dos BRICS em Fortaleza (2014)¹¹ com capital inicial de US\$ 50 bilhões – que tem como objetivos: a promoção do desenvolvimento dos países membros; apoiar o crescimento econômico; promover a competitividade e facilitar a criação de empregos e o compartilhamento de conhecimento entre os países em desenvolvimento. O banco apoia projetos públicos e privados, em 2016, foi destinado o montante de US\$ 1,5 bilhão em projetos voltados para fontes de energia renováveis (NDB, 2017).

Apesar de ser uma iniciativa dos membros participantes do grupo, o Novo Banco de Desenvolvimento não tem o objetivo de ser um banco apenas dos BRICS. Em entrevista à BBC Brasil o então vice-presidente do banco, Paulo Nogueira Batista, disse que o NDB foi concebido para ser um banco global aberto a todos os membros das Nações Unidas (SCHREIBER, 2016). O Banco dos BRICS¹² representa uma alternativa, em parte, aos organismos internacionais – Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial - controlados pelos países desenvolvidos; além de fazer parte dos esforços desses países por reformas no sistema financeiro internacional para que represente a multipolaridade atual.

Em suma, para os chineses o BRICS configura uma boa oportunidade de comércio, investimento e ampliação de influência internacional. Tudo assentado em uma política externa

¹¹ A formalização do banco como entidade legal ocorreu em 2015 na Rússia onde foram eleitos: presidente, 04 vice-presidentes e o conselho de administração.

¹² O Novo Banco de Desenvolvimento visa prestar apoio financeiro a projetos de infraestrutura e desenvolvimento, uma alternativa ao Banco Mundial. Na mesma cúpula de Fortaleza (BR), em 2014, foi criado o Arranjo Contingente de Reservas (*Contingent Reserve Arrangement*) para auxiliar países que enfrentem eventuais problemas no Balanço de Pagamento, uma alternativa ao Fundo Monetário Internacional.

de “*soft power*” para que as ações do Governo chinês não sejam encaradas como ameaça a outras nações.

3.4 NECESSIDADE ORGÂNICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS

A expansão constante das forças produtivas e a incessante necessidade de realização da produção são realidades presentes no modo de produção capitalista. A busca por novas fontes de matérias-primas, custos de produção reduzidos, mercados para escoamento da produção, “assim como a concorrência intercapitalista, intensificada pelo desenvolvimento tecnológico, sucessivamente incorporou diferentes regiões do planeta nos circuitos de reprodução sistêmica” (GASPAR, 1999, p. 58). As empresas Transnacionais (ETN) rompem as fronteiras pátrias, motivadas pela constante necessidade de ampliação de seus mercados de atuação e desse modo, a internacionalização torna-se imperativa. A interpretação do processo de internacionalização da produção e das empresas transnacionais tem um

Caráter histórico e dinâmico no sentido de que aceita o fato de que em cada momento histórico a interação de elementos econômicos, políticos, sociais e culturais define um novo conjunto de pesos específicos para as variáveis determinantes; o que, por conseguinte, leva-nos a constatar que a resultante das variáveis muda de uma forma incessante, o que nos remete à uma análise dinâmica do processo de internacionalização da produção. Neste sentido, verifica-se que o próprio movimento de internacionalização da produção vai afetar não somente os elementos locais específicos (por exemplo, EMN¹³ moldando valores e padrões de consumo em países subdesenvolvidos), como também os fatores específicos à propriedade (por exemplo, estímulo ao crescimento das empresas e progresso tecnológico em função da realização da produção no mercado externo). (GONÇALVES, 1984, p. 121-122).

Como resultado da internacionalização observamos um processo que “no lugar da velha autossuficiência e do velho isolamento nacionais, surge um intercâmbio em todas as direções, uma interdependência múltipla das nações” (MARX; ENGELS, 1998, p. 11). Assim, a interdependência faz com que as crises ocorridas em um determinado país ou região afetem o conjunto da economia global de maneira mais rápida e intensa gerando queda no produto, desemprego e inquietação social (MURGI, 2015).

Diversos autores lançaram esforços na direção do desenvolvimento de uma teoria que explicasse o processo de internacionalização de capitais de um determinado país ou região. Ao longo dos anos surgiram algumas teorias que se propuseram a sistematizar o fenômeno da

¹³ Empresas Multinacionais.

internacionalização. Uma característica interessante das teorias é que em grande parte elas explicam o comportamento da internacionalização dos países desenvolvidos, deixando aquém a teorização do processo nos países em desenvolvimento. A internacionalização pode ocorrer pela via: 1) da exportação – comercialização de mercadorias, serviços, licenças – e/ou 2) do investimento direto – criação de novas plantas produtivas, fusões e aquisições, *joint-ventures*. A primeira via não exige grande montante de capital para ser empreendida, ao passo que a segunda exige um maior volume de recursos.

3.5 ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES

O processo de expansão da economia chinesa e, conseqüentemente, a expansão da presença dos capitais chineses no mundo intensificou-se em finais do século XX e início do XXI. Ao longo desse período, os investimentos espalharam-se por diversos setores da economia mundial,¹⁴ movidos por motivações diversas.

Yao e outros (2017) em trabalho publicado na revista *China & World Economy* propõem uma contribuição para literatura sobre os determinantes do investimento externo chinês, que segundo os autores, está direcionado para a busca de recursos naturais e tecnologia. Utilizando dados dos anuários publicados pelo *Ministry of Commerce of the People's Republic of China* (MOFCOM), os autores dividiram os dados¹⁵ em dois períodos: 1991-2003, com 131 países e regiões, e 2003-2009, com 132 países e regiões. E realizaram testes econométricos para testar as hipóteses levantadas por eles.

A primeira hipótese, “*China's OFDI is driven by a motivation to seek natural resources (oil and metals)*” (YAO *et al.*, 2017, p. 5), se confirma pelos valores investidos no exterior pela China nesses setores. A segunda hipótese, “*China's OFDI is driven by the motivation to ensure price stability of natural resources imported from the host countries*” (*ibid.*, p. 6), está ligada a primeira, e pode ser acrescentado o fato que além de buscar a estabilidade do preços das commodities, a China buscou ao longo do período a continuidade/expansão do fluxo de insumos importantes para o seu crescimento econômico.

¹⁴ Os dados sobre os setores e volume de investimento estão distribuídos ao longo do capítulo IV.

¹⁵ Os dados foram tratados pelos autores da seguinte forma: “*The following four steps are undertaken for data cleaning: (i) we exclude tax havens and offshore financial centers; (ii) we delete observations with negative values; (iii) we eliminate observations which account for the smallest 1 percent of the total OFDI flow for both sample periods and eliminate observations which account for the largest 1 percent; and (iv) we remove random host countries.*” (YAO, *et al.*, 2017, p. 12).

A terceira hipótese levantada pelos autores, “*China’s OFDI to the developed world is partly driven by advanced technology seeking*” (*ibid.*, p. 7), está alinhada ao fato da necessidade de realização de um *catch up* tecnológico. Assim, o investimento em economias desenvolvidas permite o acesso à tecnologia que contribua para o salto tecnológico. A última hipótese, “*China’s OFDI to the developing world is partly driven by its relatively superior and more appropriate technologies to the host countries*” (*ibid.*, p. 7), corrobora o fato de que a China pode levar para países em desenvolvimento sua tecnologia que possui características compatíveis com a realidade desses países, como por exemplo, os processos intensivos em mão de obra.

Therefore, it could be concluded that China’s technologically-embedded OFDI are closely related with the income level of the host countries. Chinese MNCs may import more advanced technologies from the developed nations and simultaneously export less sophisticated but more appropriate technologies to lower-income countries. (YAO, et al., 2017, p. 17).

As motivações dos investimentos chineses no exterior apresentadas pelos autores são: 1) buscar recursos naturais para suprimento da demanda; 2) estabilizar o nível de preços das commodities; 3) buscar tecnologia avançada; e 4) transferir tecnologia chinesa apropriada para os países em desenvolvimento. Sobre essas motivações, podemos observar: as duas primeiras permitem que a China garanta a manutenção dos recursos necessários à sua economia; a terceira motivação possibilita aos chineses realizarem saltos tecnológicos – chamado *technology leapfrogging*¹⁶ -, e a última representa um crescimento da participação chinesa no mercado de bens e serviços a nível global (YAO, et al., 2017).

Si, Liefner e Wang (2013) escreveram sobre o investimento direto estrangeiro (IDE) com características chinesas com um estudo de caso,¹⁷ utilizando-se dos modelos *Ownership-Location-Internalization* (OLI) e *Linkage-Leverage-Learning* (LLL) para proporem uma nova contribuição sobre a atuação da China no investimento no exterior. Os autores chegaram à conclusão que no caso chinês é mais significativo discutir a abordagem do IDE a nível da empresa e não do país. Entretanto, achamos que o caso chinês parece que é melhor

¹⁶ “Refere-se à adoção de tecnologia avançada ou de última geração em uma área de aplicação em que a tecnologia anterior imediata não foi adotada. As discussões sobre o salto de TIC [Tecnologia de Informação e Comunicação] têm se concentrado principalmente nos países em desenvolvimento, que geralmente ficam para trás na adoção de tecnologia e, ao contrário dos países desenvolvidos, não são inibidos pela tecnologia intermediária estabelecida.” (FONG, 2009, p. 3707).

¹⁷ Os autores utilizaram no estudo a empresa Sany Group, fundada em 1989, que dedica-se a fabricação de máquinas pesadas para construção civil. Disponível em: <<http://www.sanygroup.com/abroad/brazil/pt-br/about/group.htm>>.

compreendido se olhado pela ótica global, incluindo o grande número de empresas privadas e estatais. As motivações e interesses dessas firmas estão concatenadas com os interesses da política de Estado. A mão estatal está presente na condução do processo de internacionalização dos capitais chineses.

Nas próximas seções abordaremos três teorias sobre a internacionalização, a primeira do Ciclo de Vida do Produto (CVP) proposta por Vernon (1966), o Paradigma Eclético de Dunning ou abordagem OLI (1981, 1988, 2001) e o Modelo *Linkage, Leverage and Learning* (LLL) desenvolvido por Matheus (2006).

3.6 TEORIA DO CICLO DE VIDA DO PRODUTO (CVP)

A teoria proposta por Raymond Vernon, em 1966, foi uma tentativa de resposta a um fenômeno que ocorreu nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, em que as empresas norte-americanas começaram um processo de instalação de subsidiárias nos países em que, anteriormente, elas apenas exportavam a sua produção. Segundo o modelo, existem três fases de difusão de um produto industrial: produto novo (*new product*), produto em maturação (*maturing product*) e produto normalizado (*standardized product*) (VERNON, 1966).

O processo descreve a trajetória de um produto desde sua criação até à sua normalização. Desse modo, a empresa introduz uma inovação, um novo produto, em seu mercado natal e ele passará pelos estágios de introdução, maturação e padronização. Buscando outros países em que a demanda por aquele produto pode ser desenvolvida, a empresa iniciará o processo de internacionalização, primeiro pela via da exportação do produto até chegar à instalação de subsidiárias. Essa estratégia indica que empresas que buscam a internacionalização estendem o ciclo de vida de seus produtos (MORAES; OLIVEIRA; KOVACS, 2006).

Na primeira fase do produto, as empresas inovadoras concentram a sua produção em seus países de origem. Esses países, geralmente, possuem maior dotação tecnológica e nesse período o produto não carece de grande demanda externa, bastando as exportações. Na segunda fase, maturação, o produto já está difundido de maneira suficiente, nos países semelhantes em renda, de forma que a implementação de subsidiárias para produzir nesses países torna-se viável. Na última fase do produto, ele já está suficientemente difundido e seus custos de produção já encontram-se reduzidos permitindo assim que ele possa ser levado para países com renda menor (SABBATINI, 2008).

A normalização do produto permite a sua difusão para todas as regiões do globo, isso só ocorre porque “os produtos padronizados dependeriam menos de conhecimento acumulado e de capital como fatores-chave de vantagem competitiva e, portanto, poderiam ter sua produção deslocada para regiões mais intensivas em mão de obra” (SABBATINI, 2008, p. 44). Assim, a teoria do CVP estaria associada aos países desenvolvidos.¹⁸ Entretanto, segundo Moraes, Oliveira e Kovacs (2006, p. 228), “empresas de países emergentes, principalmente China, Brasil e Índia vêm instalando subsidiárias em países desenvolvidos e em desenvolvimento”.

Atualmente, o avanço tecnológico reduz, substancialmente, o ciclo de vida do produto. Nesse sentido,

Cumprir reconhecer que a hipótese de que o produto deva atingir um estágio avançado do seu desenvolvimento, como condição necessária para a internacionalização da produção e da tecnologia, não mais se sustenta. Sob o paradigma da produção globalizada, o produto já nasce em maior ou menor medida internacionalizado. As diversas partes componentes de um produto e/ou as etapas produtivas correspondentes são levadas a cabo simultaneamente em diferentes países, em uma estratégia de internacionalização da produção guiada pelas vantagens de custos e oportunidades de lucros oferecidas pelas diferentes economias nacionais. (PESSOA; MARTINS, 2007, p. 325-326).

Cabe ressaltar a assertiva de Pessoa e Martins (2007), de que apesar da teoria da CVP não ser suficiente para explicar os fluxos de investimentos diretos estrangeiros no cenário de mercados integrados mundialmente, ela continua ajudando a compreender o movimento das empresas transnacionais, dos países desenvolvidos, de internacionalizar sua produção para países abundantes “em recursos naturais e/ou mão de obra barata”, concentrando pesquisa e desenvolvimento internamente.

3.7 O PARADIGMA ECLÉTICO DE DUNNING

Também conhecido por abordagem OLI (*ownership, localization and internalization*), propõe que a decisão de internacionalização das empresas está assentada em três vantagens. A primeira diz respeito a propriedade das empresas, sejam elas tangíveis ou intangíveis: marcas, patentes, conhecimento tácito e capital humano, por exemplo. De acordo com Sabbatini (2008), existem três formas de empresas que detêm vantagens de propriedade

¹⁸ Não se deve perder de vista que Vernon observou o comportamento das empresas norte-americanas para desenvolver seu modelo.

internacionalizarem-se, a saber: comércio exterior – exportação de bens e serviços -, formas contratuais – licenciamento com o recebimento de *royalties* -, e investimento direto estrangeiro (IDE) – forma mais profunda de internacionalização, com instalação de plantas produtivas. Ainda segundo o autor, as formas de internacionalização não são excludentes, cabendo às empresas, através de análise, determinar qual a melhor estratégia de acordo com o mercado de destino.

A segunda vantagem está centrada na localização. Empresas podem alcançar, em outros mercados, preços de produtos e matérias-primas mais atrativos que no país de origem. Os custos de transporte e comunicação, por exemplo, contribuem para a decisão de onde produzir da empresa. As vantagens de localização podem ser estruturais – fruto da intervenção governamental, que pode impactar nos custos e receita – e/ou transacionais – relacionada a gestão de ativos presentes em diferentes países (KOVACS; MORAES; OLIVEIRA, 2011). As imperfeições presentes no mercado podem influenciar na decisão de localização das empresas, intervenções estatais que refletem variações nos custos e/ou receitas, podem ser determinantes para a instalação em determinado país (DUNNING, 1988).

A internacionalização é a terceira vantagem que uma empresa observa antes de empreender seu processo de transposição das fronteiras nacionais. A empresa decidirá entre o controle proprietário do processo de internacionalização, via exportações ou IDE, ou pela celebração de contratos para cessão da produção - licenciamento, por exemplo. A tomada de decisão da empresa estará assentada nos custos de transação, se eles forem muito elevados, a empresa optará por comandar, ela mesma, o processo de internacionalização (SABBATINI, 2008).

As três vantagens que compõem a abordagem OLI, propriedade, localização e internacionalização são analisadas de maneira conjunta pelas empresas com o objetivo de obter os melhores resultados possíveis dentro do processo de expansão transfronteiriço.

Uma análise custo benefício das vantagens de localização e de internacionalização determina de qual maneira a ETN lançará mão de suas vantagens de propriedade para promover a internacionalização. No caso do IDE, a ETN tem que observar, concomitantemente, vantagens de propriedade, de localização e de internacionalização. Se não há vantagens de internacionalização, mas ocorrem as outras duas, a ETN optará por internacionalizar-se através de licenciamento. E se não houver vantagens nem de internacionalização, nem de localização no mercado pretendido, então as firmas se internacionalizarão da maneira mais simples, através de exportações para este mercado alvo. (SABBATINI, 2008, p. 48).

A partir da decisão da empresa de internacionalizar-se pela via do IDE é possível que ela adote até quatro estratégias distintas de atuação: *Natural Resource-seeking* – busca acessar e explorar recursos naturais -, *Market-seeking* – objetiva atender mercados domésticos e regionais -, *Efficiency-seeking* – busca beneficiar-se de fatores que lhe permita competir nos mercados internacionais - e *Strategic-asset-seeking* – visa a aquisição de ativos estratégicos que permitam a empresa competir num determinado mercado, geralmente, ocorrem por fusões e aquisições (FRUMAN, 2016). O quadro 1 mostra, de acordo com (DUNNING, 1994), algumas contribuições de cada tipo de estratégia de implementação de IDE para os países anfitriões.

Quadro 1 - Estratégias de internacionalização de IDE conforme os países anfitriões

<p>1. Natural Resource-seeking:</p> <p>(a) Provides complementary assets (technology, management and organizational competence).</p> <p>(b) Provides access to foreign markets.</p> <p>(c) May or may not lead to local spin-off effects on industrial customers, e.g., secondary processing activities.</p> <p>(d) Raises standards of product quality</p> <p>(e) May or may not foster clusters of resource-based related activities.</p>	<p>2. Market-seeking:</p> <p>(a) As 1 (a) above.</p> <p>(b) Fosters backward supply linkages and clusters of specialized labour markets and agglomerative economies.</p> <p>(c) As 1 (d) above; also raises domestic consumer expectations of indigenous competitors.</p> <p>(d) Stimulates local entrepreneurship and domestic rivalry.</p>
<p>3. Efficiency-seeking:</p> <p>(a) Improves international division of labour and cross-border networking; entices comparative advantages of host countries.</p> <p>(b) Provides access to foreign markets and/or sources of supply.</p> <p>(c) As 2 (b) above.</p> <p>(d) As 1 (d) and 1 (e) above.</p> <p>(e) Aids structural adjustment.</p>	<p>4. Strategic-asset-seeking:</p> <p>(a) Provides new finance capital and complementary assets.</p> <p>(b) As 1 (b) above.</p> <p>(c) As 2 (d) above.</p> <p>(d) As 3 (a) above.</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em DUNNING, 1994

Outra abordagem desenvolvida por Dunning (2001) que complementa o paradigma eclético é a *Investment Development Path* (IDP) que tem como ideia central as transformações ocorridas nas vantagens OLI à medida que o país se desenvolve. O IDP identifica vários estágios de desenvolvimento que um país pode passar, desde o primeiro estágio em que o país possui uma pré-industrialização e é um grande receptor de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) até chegar ao estágio final no qual haverá um equilíbrio entre a entrada e a saída de IDE.

3.8 MODELO *LINKAGE, LEVERAGE AND LEARNING* (LLL)

Proposto por John Matheus (2006), o modelo analisa as características que levam uma empresa a internacionalizar-se. De acordo com o autor, *linkage*, *leverage* e *learning* são fenômenos que ajudam a explicar a internacionalização.

O primeiro fenômeno, denominado *linkage*, está ligado ao fato das empresas buscarem externamente os recursos necessários e que não estão disponíveis no mercado interno, “*the critical starting point for the latecomer and newcomer is that it is focused not on its own advantages, but on the advantages which can be acquired externally*” (MATHEUS, 2006, p. 18). As firmas que optam por um direcionamento no mercado externo enfrentam maiores riscos relacionados ao negócio que as firmas que concentram sua atuação internamente. Assim, a formação de *joint-ventures* e outras formas de parceira colaborativa representam um meio de minimizar esses riscos (MATHEUS, 2006).

Ao buscar parcerias externas, as firmas têm acesso à tecnologia e conhecimento que possibilita oportunidades de alavancagem, isso descreve o segundo fenômeno, *Leverage*. Os elos construídos com parceiros externos são importantes para que a firma possa implementar as inovações em seu portfólio (MATHEUS, 2006).

O Learning, terceiro L, está ligado ao aprendizado que pode ser obtido pela empresa no processo de internacionalização. Assim, a “*repeated application of linkage and leverage processes may result in the firm learning to perform such operations more effectively (organizational learning)*” (MATHEUS, 2006, p. 20).

O modelo LLL, de acordo com Si, Liefner e Wang (2013), tem êxito ao explicar como uma empresa aprimora seu controle sobre recursos essenciais, além de contribuir para compreensão do processo de internacionalização das empresas retardatárias. Os autores apontam duas características: a primeira é a absorção ativa do conhecimento – as empresas atrasadas tecnologicamente podem melhorar sua base de conhecimento – e a segunda, a aprendizagem, que representa uma oportunidade das empresas retardatárias de capturar, controlar e usar os recursos por meio da absorção ativa do conhecimento. Para Si, Liefner e Wang (2013), o modelo LLL é um dos mais plausíveis, entre os disponíveis, para explicar a internacionalização.

A teoria das empresas retardatárias, *Latecomer theory*,¹⁹ é norteada pela concepção de que as desvantagens presentes na realidade das empresas retardatárias podem ser transformadas em vantagens. “*Latecomer theory is effective in explaining the catching-up of Asian companies in the 1990s, and also contributes to the theoretical development of the FDI from this area.*” (SI; LIEFNER; WANG, 2013, p. 596).

Algumas das teorias de internacionalização de capitais expostas nesse trabalho ocupam-se de explicar o processo na ótica de empresas de países desenvolvidos – Ciclo de vida do produto e Paradigma de Dunning -, e de empresas de países em desenvolvimento – Modelo *Linkage, Leverage and Learning*. A China possui características especiais, particulares, combinando tecnologias das segunda, terceira e quarta revoluções industriais. O país, atualmente, é um quase híbrido entre desenvolvido e em desenvolvimento, conforme critérios econômicos e sociais. Ela ocupa a liderança em diversos setores, inclusive de alta tecnologia, mas, de forma contraditória e secundária, ainda guarda situações de atraso, sobretudo nas condições sócio-econômicas da população no campo e de migrantes nas cidades. Outra característica própria da China, dentre os chamados emergentes, é o seu gigantesco investimento direto estrangeiro, com o capital chinês espalhado pelo mundo inteiro. A motivação da internacionalização de capitais é pluricausal, pois objetiva recursos, tecnologia, posicionamento nas cadeias globais de valor, logística, penetração em mercados, além dos interesses geopolíticos.

¹⁹ Desenvolvida por John A Matheus descreve o LLL – *Linkage, Leverage and Learning*.

4 A TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS CAPITAIS CHINESES

No período entre 2005 e 2017 a China investiu fora de suas fronteiras o volume de US\$ 1,04 trilhão, dos quais 24% foram destinados a projetos de *greenfields*²⁰ e 23% direcionados ao projeto da “Nova Rota da Seda” - *One Belt, One Road*.

4.1 A TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA NA PERIFERIA

Em seu processo de expansão transfronteiriço, a China busca oportunidades de negócios nos mais diversos locais do globo. A necessidade constante de acesso às fontes de matérias-primas, necessárias a manutenção do crescimento em ritmo acelerado, bem como a aquisição de novas tecnologias que permitam saltos de aprendizagem norteiam os investimentos chineses mundo afora. A China, por exemplo, está presente em megaprojetos de infraestrutura e energia no continente Africano e na América Latina, esses investimentos garantem a continuidade dos fluxos de insumos.

Os chineses ao longo dos últimos anos tem buscado uma aproximação com os países do Sul,²¹ “considerando-se o maior país subdesenvolvido do mundo e disponível para ajudar os outros no caminho para o desenvolvimento” (MENDES, 2010, p. 39), na tentativa de construir uma sólida cooperação Sul-Sul. Contribuiu para mudança de rota em direção ao Sul a instabilidade causada na região do Oriente Médio com a “Guerra ao Terror”, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Assim, os chineses buscaram outras regiões que lhes garantissem o suprimento energético aproveitando-se também dos espaços deixados pelos Estados Unidos – que voltaram seus esforços para a guerra contra o terrorismo (BARBIERI, 2014). Outros fatores que contribuíram para o avanço da China na periferia, segundo Mendes (2010), são a necessidade chinesa de buscar novos mercados para escoar sua massiva produção de manufaturados e a elevada força de trabalho disponível no país, que necessita de postos de trabalho. Desse modo, África e América Latina tornaram-se ótimos destinos para os manufaturados, para as empresas com investimentos em megaconstruções – infraestrutura e energia – utilizando mão de obra chinesa maciça.

²⁰ Na distribuição dos investimentos, 41% foram destinados a projetos na Ásia, 16% na África Subsaariana e 12% a América do Sul.

²¹ Designação socioeconômica que separa os países em dois grupos: Norte e Sul. Os países que compõem o Sul são os de passado colonial, com elevado nível de pobreza e atraso econômico. Receberam essa nomenclatura porque sua maioria está situada no hemisfério sul.

Conforme o discurso oficial do Governo chinês, o modelo de relacionamento econômico-diplomático empreendido pela China, principalmente na África, é bem distinto do padrão ocidental. As condicionalidades²² impostas por organismos internacionais para a concessão de crédito, inexistem nos acordos de cooperação e empréstimos que os chineses destinam aos países africanos. Assentado nos “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica”, a não interferência nos assuntos internos e o respeito à soberania nacional são bem vistos pelos Estados africanos que projetam em Pequim o bom parceiro cooperativo. Para a comunidade internacional, principalmente os países centrais, a postura chinesa diante dos países africanos é condenável, pois ela apoia países com regimes ditatoriais, grande histórico de corrupção e que, em muitos casos, ferem as convenções dos direitos humanos. De acordo com Visentini (2011, p. 141) e Visentini e Oliveira (2012, p. 35), para alguns autores a atuação da República Popular da China na África não passaria de um “neoimperialismo à chinesa”. O aprofundamento do tema sobre a existência de um neoimperialismo na atuação internacional chinesa não está no escopo desta pesquisa, sendo guardada para projetos futuros.

Assim, a chegada da China à periferia em desenvolvimento, com uma agenda política e econômica abrangente, parece inaugurar um novo estágio na projeção internacional chinesa e no próprio sistema mundial. A China estabeleceu com a África, por exemplo, uma relação que não é meramente conjuntural, mas irreversível. Ainda que sem condições de impor nada aos africanos, *et pour cause*, Pequim inaugura uma nova etapa na grande política internacional e suplanta a fase em que a *Nova China* lutava para recuperar sua soberania e desenvolvimento, pois a *Novíssima China* começa a transformar o próprio sistema mundial. (VISENTINI, 2011, p. 141).

A cooperação Sul-Sul proposta pelos chineses assentada num discurso de relação “*win-win*” mostra seus limites à medida em que a China estabelece relações de dependência com os demais países. Muitos acabam por encontrar no gigante asiático o principal parceiro comercial, tomando o lugar outrora ocupado pelos países centrais. No caso da América Latina, por exemplo, os Estados nacionais trocaram a dependência externa norte-americana pela chinesa. A correlação de forças entre a China que, em sua retórica oficial, se autodenomina subdesenvolvida, e os demais países é desigual e as pressões exercidas pela entrada de investimento direto, manufaturados e mão de obra acabam por reproduzirem, como demarcado por Mendes (2010, p. 44), “a típica relação Norte-Sul”.

²² O típico receituário do FMI: austeridade fiscal, reformas liberalizantes e redução do Estado.

4.2 TRAJETÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO CHINESA E OS ESTADOS NACIONAIS

O fluxo de capitais oriundos da China expande-se, sistematicamente, desde o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio, em 2001, e tem os mais variados destinos mundo afora. *Greenfields, Mergers & Acquisitions (M&A) e Joint-ventures* espalham-se por todos os continentes, entretanto, há algumas peculiaridades sobre a modalidade e o destino geográfico do investimento direto estrangeiro (IDE). Os *greenfields* estão em sua maioria localizados em países com abundância de recursos naturais - petróleo, gás, minério, por exemplo - que garantam a China o suprimento de sua demanda por commodities. As fusões e aquisições estão concentradas nos países desenvolvidos, o que possibilita o acesso à tecnologia, *know-how*, expertises e marcas já estabelecidas. As *joint-ventures* representam uma alternativa a resistência de Estados nacionais à aquisição de suas empresas por capitais estrangeiros.

O avanço do capital chinês sobre as empresas estrangeiras tem suscitado nos Estados maternos preocupações com a transferência de alta tecnologia nacional para as mãos do gigante asiático. A Alemanha ampliou a lei que impede que empresas de fora da União Europeia possam adquirir mais de 25% de empresas alemãs que atuam em áreas sensíveis à segurança nacional. O sinal de alerta soou quando a chinesa *Midea*, fabricante de eletrodomésticos, comprou a alemã *Kuka AG*, maior fabricante de robótica do país, por 4,4 € bilhões (CHAZAN, 2017).

Nos Estados Unidos o presidente, *Donald Trump*, seguiu a orientação do *Committee on Foreign Investment in the U.S.* (CFIUS) e vetou a aquisição da *Lattice Semiconductor Corporation* pela subsidiária da estatal chinesa *China Venture Capital Fund Corporation Limited*, a *Canyon Bridge Capital Partners LLC*. De acordo com o comitê, as empresas não conseguiram dissipar as preocupações em relação à segurança nacional norte-americana (WALTERS, 2017). Segundo (WALTERS, 2017), em 40 anos de existência do CFIUS apenas três outras transações foram bloqueadas pelo pedido presidencial, todas de empresas chinesas.

A aquisição da empresa indiana do ramo farmacêutico, *Gland Pharma Ltd*, pela chinesa, *Shanghai Fosun Pharmaceutical Group Co Ltd*, foi negado pelo Comitê de Assuntos Econômicos indiano - o negócio envolvia uma quantia de US\$ 1,3 bilhão por 86% da empresa indiana (SINGH; ALEXANDER, 2017). O bloqueio não está circunscrito apenas a questões

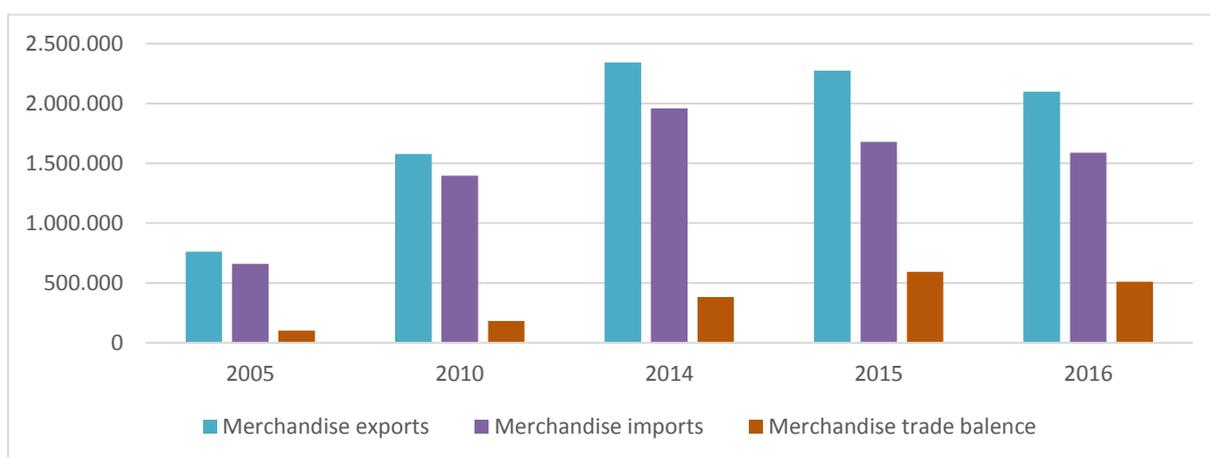
econômicas, a relação diplomática entre os dois países está delicada por questões relacionadas a disputa territorial na região do Himalaia.

Assim, a penetração de capitais chineses enfrenta oposição em alguns Estados, principalmente aqueles investimentos destinados a fusão e aquisição de empresas consideradas estratégicas para segurança e os interesses nacionais. Uma saída encontrada pelos chineses para contornar as barreiras impostas pelos Estados nacionais é constituição de *joint-ventures*²³.

4.3 IRRESISTÍVEL ASCENSÃO COMERCIAL NO MUNDO

A evolução das exportações chinesas ao longo das primeiras décadas dos anos 2000 pode ser observada no Gráfico 1, o país, em 2016, quase triplicou o volume exportado (275,3%) em relação a 2005 e as importações cresceram 240,6% no mesmo período. Os cinco principais destinos das exportações chinesas, em 2016, foram (em US\$ milhões): os Estados Unidos (385.678), Hong Kong²⁴ (287.252), Japão (129.268), Coreia do Sul (93.707) e Alemanha (65.214). Juntos, esses países concentraram 45,8% do volume total de exportações da China naquele ano.

Gráfico 1 - Comércio internacional chinês de mercadorias – em US\$ milhões



Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em UNCTADSTAT, 2018

A balança comercial de serviços chinesa é deficitária. Em 2016, o volume exportado em serviços registrou US\$ 208,5 bilhões enquanto as importações somaram US\$ 453 bilhões,

²³ Empreendimentos em conjunto realizados por empresas que fecham acordos para atuarem em determinada área.

²⁴ Hong Kong, assim como Macau, é uma Região Administrativa Especial da China e tem um elevado grau de autonomia administrativa em relação a Pequim.

déficit de US\$ 244,5 bilhões. Em 2005, a balança de serviços registrou US\$ 78,5 bilhões em exportações e US\$ 84 bilhões em importações – déficit de US\$ 5,5 bilhões. Ao longo dos anos, apesar da elevação das exportações, o déficit na balança comercial de serviços cresceu bastante - mais de 4.000%.

Tabela 1- Comparativo entre China e EUA (PIB per capita, taxa real de crescimento do PIB, saldo da conta corrente, taxa de câmbio)

Eco. Trends	2005		2010		2014		2015		2016	
	China	USA								
GPD per capita, current US\$	1.747	44.072	4.461	48.018	7.693	54.124	7.987	56.037	8.110	57.253
Real GDP growth, y-on-y, %	11.40	3.31	10.60	2.51	7.30	2.35	6.90	2.58	6.70	1.60
Current account balance, % of GDP	5.73	-5.66	3.92	-2.86	2.66	-2.23	2.73	-2.4	1.73	-2.42
Exchange rate (US\$)	8.194	1.000	6.770	1.000	6.143	1.000	6.227	1.000	6.644	1.000

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em UNCTADSTAT, 2018

A Tabela 1 apresenta dados comparativos entre a China e os Estados Unidos em alguns anos selecionados. Em 2005, o PIB per capita chinês era de US\$ 1.747 enquanto os Estados Unidos registravam US\$ 44.072. Após 11 anos, 2016, o PIB per capita da China registrado foi de US\$ 8.110 - 462% de crescimento em relação a 2005 - e os Estados Unidos US\$ 57.253 – 30% de crescimento. É importante registrar o fato da disparidade entre a população dos dois países - 326 milhões de habitantes nos Estados Unidos e 1,403 bilhão de habitantes na China (UNCTADSTAT, 2018).²⁵

O crescimento do PIB chinês no período é bastante elevado. Até 2010, a economia chinesa cresceu a uma taxa média de 10% ao ano - durante três décadas -, entretanto nos últimos anos a China tem desacelerado o ritmo de seu crescimento econômico e o arrefecimento da economia é parte de um processo de ajuste nos impulsores do crescimento. Os elevados níveis

²⁵ Realizando um exercício hipotético de troca de habitantes, se os Estados Unidos tivessem a população igual a chinesa seu PIB per capita seria de US\$ 13.297 e se a chinesa fosse igual a norte-americana registraria um PIB per capita de US\$ 34.919. Deixamos claro que não há nenhum outro objetivo, a não ser o da curiosidade ao realizar tal exercício.

de formação bruta de capital²⁶ – 46,8% (2014) e 45,1% (2015), como proporção do PIB – podem criar capacidade ociosa e gerar problemas econômicos. Assim o incentivo para elevação do consumo das famílias²⁷ – 37,5% (2014) e 38,1% (2015), como proporção do PIB – representa uma oportunidade de desaceleração suave da economia, sem interrupções abruptas (WALKER, 2015).

Analisando o saldo da conta corrente, como proporção do PIB, é possível perceber uma redução ao longo dos anos analisados, entretanto, o saldo da conta continua positivo. O saldo negativo dos Estados Unidos está ligado ao grande déficit comercial, o país importa muito mais do que exporta. Em 2017, o déficit foi de US\$ 566 bilhões – US\$ 2,895 trilhões importados e US\$ 2,329 trilhões exportados (AMADED, 2018). É possível constatar também uma leve apreciação da moeda chinesa em relação ao dólar no período observado.

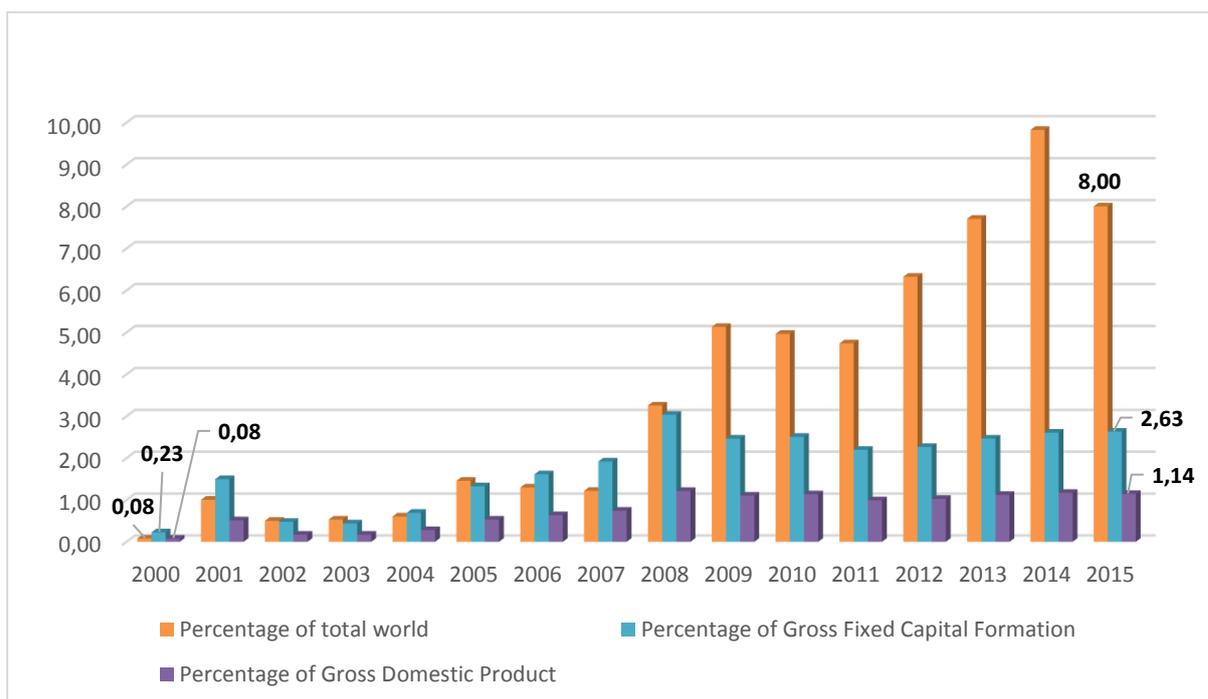
4.4 A VIRAGEM CHINESA PARA O INVESTIMENTO EXTERNO

O processo de saída de capitais chineses cresceu ao longo do período analisado neste trabalho, é possível notar no Gráfico 2 que os investimentos da China no exterior, no ano 2000, eram bem modestos – 0,08% do investimento direto externo global, 0,23% da formação bruta de capital e 0,08% do produto interno bruto.

²⁶ Despesa como proporção do PIB em 2015: 38,1% consumo das famílias; 13,6% despesa da administração pública; 45,1% formação bruta de capital; 21,1% exportações e 17,8% importações.

²⁷ A poupança das famílias chinesas é elevada pois necessitam cobrir boa parte das despesas com saúde, educação e previdência – mesmo uma grande parcela da população recebendo subsídios para saúde e educação. Assim a ampliação do consumo das famílias passa por investimentos em proteção social que permitam a redução da poupança e a elevação do consumo final (NONNENBERG, 2010).

Gráfico 2 - Saída de IDE chinês em relação ao total mundial, formação bruta de capital e PIB (em %)

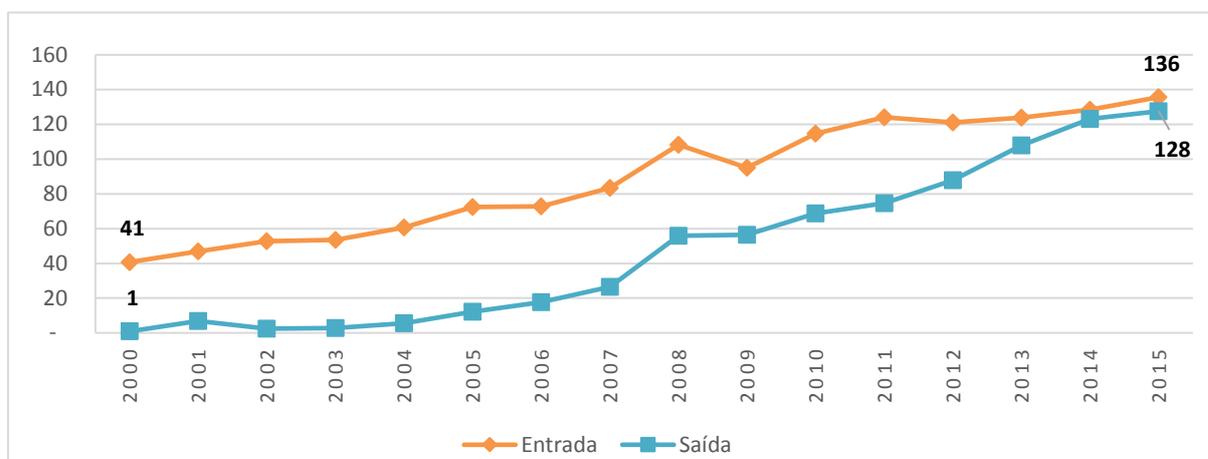


Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em HANDBOOK OF STATISTICS UNCTAD, 2016

Passados quinze anos, o cenário do IDE chinês mudou bastante, o montante direcionado ao exterior, como proporção do PIB, passou para 1,14% e 2,63% da FBC; a participação no volume total global que, em 2000, era de 0,08% saltou para 8% em 2015. Os dados fornecem um bom retrato do movimento de saída dos capitais chineses. Em 2014, a China foi responsável por quase 10% do volume total de IDE no mundo.

Como dito anteriormente, a China transformou-se num grande player internacional e seus investimentos transfronteiriços têm reduzido o *gap* entre o volume de entrada e o de saída de IDE. Em 2000, a China recebeu US\$ 41 bilhões em investimento direto estrangeiro e investiu no exterior cerca de US\$ 1 bilhão, já, em 2015, o volume entrante somou US\$ 136 bilhões e as saídas registraram US\$ 128 bilhões. O fluxo de investimento direto estrangeiro pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Fluxo de investimento direto estrangeiro (US\$ bilhões em níveis correntes)



Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em HANDBOOK OF STATISTICS UNCTAD, 2016

Na próxima seção investigaremos o comportamento do investimento direto estrangeiro mundo afora, como ele está distribuído geograficamente, os setores em que ele divide-se e nas modalidades em que aparece (*greenfields, M&A, Joint-ventures*).

4.5 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS INVESTIMENTOS CHINESES.

Os capitais chineses estão presentes nos cinco continentes, algumas regiões receberam um volume maior de investimentos, o que pode ser observado na Tabela 2. Nessa distribuição, constata-se uma divisão internacional do trabalho, regiões como África, América Latina, Austrália e alguns países asiáticos receberam a maior parte dos investimentos em áreas de energia, recursos naturais e infraestrutura relacionada. Os investimentos em serviços, mídia, tecnologia de telecomunicações e alta tecnologia são direcionados à Europa e aos Estados Unidos (JAGUARIBE, 2018).

Tabela 2 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses - % volume total de investimentos (2005-2017)

Regions	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Arab Middle East and North Africa	3	5	4	4	16	2	5	0	6		0	2	1	3
Australia	3	15	1	29	16	5	14	11	10	10	9	3	3	9
East Asia	8	6		12	9	12	11	10	13	9	23	7	12	11
Europe	1	7	22	22	17	9	22	19	11	29	31	35	52	28
North America	7	1	0	0	7	11	10	27	1	5	1	3	2	5
South America	19	2	5	4	7	38	16	5	9	14	3	9	7	10
Sub-Saharan Africa		28	20	14	3	8	12	9	15	8	5	5	0	7
USA	17		29	9	14	13	3	11	19	17	15	32	13	16
West Asia	41	37	19	4	12	2	7	7	16	8	12	5	9	10

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

As informações apresentadas na tabela 2 fornecem alguns aspectos interessantes sobre o processo de saída dos investimentos chineses. Em 2005, a Ásia era o principal destino dos investimentos externos da China, quase metade do volume foi alocado naquela região – *East Asia* 8% e *West Asia* 41% -, a segunda região de destino, em termos percentuais, foi a América do Sul com 19% seguida pelos Estados Unidos com 17%.

Treze anos depois, houve uma mudança no principal destino dos investimentos chineses, a Europa que, em 2005, recebeu 1% do volume total, ocupando o último lugar entre as regiões analisadas, passou a ocupar, em 2017, a primeira colocação com 52% do volume total de investimentos - é possível observar o crescimento dos investimentos destinados a região europeia ao longo dos anos. No somatório total do período entre 2005-2017, temos a Europa como principal destino (28%), seguida pela Ásia com 21% - *East* e *West* – e os Estados Unidos na terceira posição (16%). Esses dados apontam para importância que a Europa tem nos planos de expansão chinesa - um mercado extenso e de renda elevada.

4.6 DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES.

Os investimentos externos chineses estão presentes nos diversos setores econômicos, entretanto um setor tem o protagonismo dos capitais chineses, o energético. Os recursos empregados nesse setor representaram mais de um terço (34%) do volume total de investimentos no período (2005-2017). A necessidade de encontrar novas fontes de energia para sustentar o crescimento acelerado da economia chinesa, ajuda a explicar os investimentos no setor de energia.

A Tabela 3 apresenta a distribuição setorial dos investimentos chineses, em termos percentuais, no período (2005-2017). Ao longo do período, em apenas três oportunidades o setor energético não foi o principal destino dos capitais – finanças 2007, metais 2008 e agricultura 2017 – ocupando o terceiro, segundo e segundo lugar respectivamente.

Tabela 3- Distribuição setorial dos investimentos chineses - % volume total de investimentos (2005-2017)

Sectors	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Agriculture		2		1	1	2	4	5	11	7	2	3	25	8
Chemicals	2		2			2	6		2	1		2		1
Energy	62	48	8	40	59	54	54	54	49	28	25	21	16	34
Entertainment						0	1	4	0	2	3	13	4	4
Finance		1	65	8	5	5	3	4	1	6	11	2	9	7
Logistics			1				2	1	0	1	4	0	13	3
Metals	18	37	21	41	21	14	16	14	9	15	7	4	2	12
Other		1	0	1	1	3	1	2	2	2	4	9	7	4
Real estate		7	1	1	8	9	5	9	18	15	14	9	7	9
Technology	17		2		3	0	2	3	0	10	6	13	1	5
Tourism					0			0	2	7	2	13	1	3
Transport	1	5	1	9	2	12	3	3	4	6	20	9	15	9
Utilites								1	0	1	1	1	0	0

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Os cinco principais setores de investimento chinês ao longo desse período abordado na tabela 3 são: 1) *Energy*, 2) *Metals*, 3) *Real estate*, 4) *Transport* e 5) *Agriculture*²⁸. Juntos esses setores somaram mais de US\$ 751,5 bilhões em investimentos - 72% do valor total dispendido no período analisado. A seguir lançaremos luz sobre esses setores, destacando alguns aspectos de cada um deles. É importante salientar que a estratégia de internacionalização dos capitais chineses busca garantir a manutenção das suas fontes de matérias-primas indispensáveis ao seu crescimento, aliada a obtenção de tecnologia.

4.6.1 Setor energético

Principal destino dos investimentos chineses ao longo do período analisado, o setor energético soma, entre (2005-2017), US\$ 354,8 bilhões – 34% dos US\$ 1,04 trilhão. A Tabela 4 apresenta os subsetores energéticos alvos dos capitais chineses nos últimos anos e o percentual investido em cada um deles.

²⁸ Energia, metais, imobiliário, transporte e agricultura.

Petróleo e gás são os principais subsetores de investimento direto externo (IDE) chinês, respondendo por metade (47%) do volume total registrado no período. O petróleo e seus derivados são fundamentais para a manutenção do crescimento chinês, o que justifica a primeira colocação. Na segunda colocação, com 32%, estão subsectores não classificados ou não informados e em terceiro lugar aparece o subsector de carvão com 9%.

Tabela 4 - Distribuição dos investimentos chineses em subsectores energéticos - % volume total de investimentos em energia (2005-2017)

Subsectors	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Alternative		1				1	8	6	1	9	10	21	12	6
Coal			4	4	11	1	14	4	1	15	30	5	14	9
Gas				1	11	14	8	26	13	11	12	18	5	12
Hydro				3		3	0		7	6	8	19	12	5
Oil	100	13	92	48	47	51	20	22	49	29	14	18	44	35
-		86	4	44	31	31	50	42	29	29	26	19	13	32

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Apesar do grande volume de investimento destinado a energia de fontes fósseis, é possível observar um movimento, a partir de 2010, em direção a fontes de energia renováveis. Em 2016, o investimento em fontes alternativas de energia recebeu o maior volume do capital destinado ao setor energético - a China é a líder mundial em energia eólica (BARBOSA, 2017) e na produção e instalação de painéis solares (VAUGHAN, 2018). Uma explicação para tal fenômeno pode estar ligada ao alto nível de poluição, 60% do sistema de geração de energia dependem do carvão,²⁹ que o país enfrenta. Assim, os investimentos em novas fontes que reduzam a utilização de energia fóssil são cada vez maiores: 21% da energia é gerada por hidrelétricas, 17% por usinas eólicas (BBC, 2016).

As regiões da Ásia, América do Sul e Europa são os principais destinos dos investimentos chineses em energia, como pode ser observado na Tabela 5. Essas regiões ocupam o primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente, no volume total investido no período de (2005-2017). A *China Energy Company Limited*³⁰ (CEFC) - empresa coletiva privada com foco em serviços de energia e financeiros – adquiriu, em outubro de 2017 por US\$ 9,18 bilhões, 14%

²⁹ Combustível fóssil que mais polui o ar.

³⁰ Fundada em 2002, teve receita de US\$ 40 bilhões em 2014. Apareceu na sétima posição entre as maiores empresas privadas chinesas (2014) e em 222º na Fortune Global 500 (2017). A empresa possui 30.000 postos de trabalho. Disponível em: <<http://us.cefc.co/category/wmdzghx>>.

da *Rosneft*³¹, gigante petrolífera russa. Ainda na região asiática, a estatal *China General Nuclear Power Corporation (CGN)*³² adquiriu 100% da *Edra Global Energy*, empresa malaia, por US\$ 5,96 bilhões em 2015.

Tabela 5 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em energia - % volume total de investimentos em energia (2005-2017)

Regions	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Arab Middle East and North Africa	5			11	26	4	10		11			5	9	7
Australia			4	3	10	7	24	10	11	12	8	3	10	10
East Asia	3	2		24	12	6	4	4	11	5	44	12	2	11
Europe				33	23	1	21	8		30	4	23	14	14
North America	4				6	18	14	48	1	12	1	6	1	12
South America	22	5				53	14	5	15	12	9	34	24	17
Sub-Saharan Africa		32	8	23	1		3	10	19	5	3	1	1	7
USA			4		5	11	1	8	8	3	5	0	1	4
West Asia	66	62	83	5	16	1	10	7	25	21	26	15	39	19

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Ao direcionar nossa análise para os investimentos em energia na América do Sul, um fato torna-se evidente: 21 das 37 operações realizadas tiveram o Brasil como destino. Em 2010, a *China Petrochemical Corporation*, Sinopec,³³ adquiriu 40% da subsidiária brasileira da Repsol,³⁴ empresa de origem espanhola, por US\$ 7,1 bilhões. A Sinopec no ano seguinte, 2011, comprou 30% da Petrogal Brasil, subsidiária da portuguesa Galp Energia, por US\$ 4,8 bilhões. Em dezembro de 2016, a *State Grid Corporation of China (SGCC)* adquiriu 55% da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) por US\$ 4,49 bilhões e em novembro de 2017, menos de um ano depois, comprou mais 40% da CPFL por US\$ 3,44 bilhões.

³¹ Empresa líder do setor petrolífero russo e maior empresa petrolífera de capital aberto do mundo. Segundo a Forbes, a empresa ocupa a 82ª posição entre as maiores empresas públicas do mundo.

³² Maior operador de energia nuclear da China e maior construtor global de energia nuclear. Tem cerca de 39.000 postos de trabalho em todo o mundo. <http://en.cgnpc.com.cn/encgn/c100028/Profile.shtml>

³³ Segundo a Forbes, a estatal chinesa é a 25ª maior empresa pública do mundo. Na lista Fortune Global 500 (2017) a Sinopec ocupa o terceiro lugar com empresa mais valiosa do mundo.

³⁴ A Repsol Sinopec Brasil atua na exploração do pré-sal nas Bacias de Santos, Campos e Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.repsolsinopec.com.br/web/guest/a-companhia>>.

Na região europeia, em 2009, a Sinopec comprou 100% da *Addax Petroleum* - empresa suíça – por US\$ 7,2 bilhões. A *China Three Gorges Corporation (CTG)*³⁵ adquiriu, em dezembro de 2011, por US\$ 3,51 bilhões uma participação de 21% da portuguesa Energias de Portugal. A GDF Suez, atualmente Engie, francesa do ramo de geração e distribuição de eletricidade, vendeu 30% de seus ativos para *China Investment Corporation*, fundo soberano chinês, por US\$ 3,24 bilhões. Esses investimentos nas diversas regiões mostram que a China está buscando, constantemente, novas oportunidades para garantir o suprimento de energia necessário para manutenção do seu processo de expansão.

4.6.2 Setor de metais

Com um montante de US\$ 123,9 bilhões o setor de metais ficou em segundo lugar como destino dos investimentos chineses, 12% do volume total. A tabela 6 nos fornece mais informações sobre a alocação dos investimentos, de acordo com a distribuição subsetorial de metais. O principal subsetor é o de cobre, *copper*, com 31% do total de investimento no setor de metais, seguido de perto pelo subsetor de aço, *steel*, com 29%.

A China é a líder mundial em importação de cobre, 49%, o segundo lugar é ocupado pelo Japão com 18%. O cobre é utilizado na construção e manutenção de redes de transmissão de energia, nas tubulações de água e gás, em carros, trens, aviões, computadores, rede de distribuição de internet banda larga etc. Assim o cobre é fundamental para o crescimento do país (BARRÍA, 2018).

Tabela 6 - Distribuição dos investimentos chineses em subsectores de metais - % volume total de investimentos em metais (2005-2017)

Subsectors	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Aluminum		13	19	58	12	17	9	6	6	6		2	5	17
Copper	30	6	70	21	15	57	24	13	13	59	19	68	5	31
Steel	44	43	11	16	60	16	31	28	31	19	41	19	44	29
-	27	38		5	13	10	36	53	51	16	40	11	45	24

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

³⁵ Maior produtora de energia hidrelétrica do mundo presente em mais de 40 países com investimentos também em energia renovável, eólica e solar, por exemplo. Disponível em: <<http://ctgbr.com.br/a-empresa>>.

O aço também é fundamental para China, atualmente principal produtora mundial de aço e alumínio, além da demanda doméstica elevada, o país exporta grande quantidade para o resto do mundo.

A Tabela 7 apresenta a distribuição geográfica dos investimentos chineses em metais e como a China alocou seus recursos ao redor do globo. O primeiro dado que chama atenção é o fato de apenas um país ter sido destino de 1/4 dos investimentos da China, a Austrália. Empatado com o país da Oceania está a região da África Subsaariana com 26%, em terceiro lugar está a América Latina com 21% do total dos investimentos em metais.

Tabela 7 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em metais - % volume total de investimentos em metais (2005-2017)

Regions	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Arab Middle East and North Africa		13	19											2
Australia	8	40	5	67	36	5	2	34	44	6	10	4		26
East Asia	36			4		20	25	12	15	5	35	2	3	10
Europe		11					1	13		3		2	8	3
North America	27	2	2	1	14	6	5	4				4	5	4
South America	30		23	10	32	48	18	5		58		3	54	21
Sub-Saharan Africa		35	2	13	3	19	49	22	32	26	53	83	11	26
USA					11		1	1						1
West Asia			50	5	4	3		9	9	2	1	2	20	7

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

O CITIC *Limited*³⁶, em 2006, comprou 100% da *Mineralogy*, mineradora australiana, a um custo de US\$ 2,92 bilhões. Em 2008, a chinesa *Aluminum Corporation of China (Chinalco)*³⁷ adquiriu por US\$ 12,8 bilhões, 11% da anglo-australiana Rio Tinto, uma das maiores corporações de metais e mineração do mundo. Em 2009, a *Chinalco* comprou mais 1% da Rio Tinto por US\$ 1,5 bilhão.

³⁶ *China International Trust Investment Corporation* é uma empresa estatal de investimentos chinesa, um dos maiores conglomerados da China. <https://www.citic.com/en/aboutus>

³⁷ Empresa estatal fundada em 2001 com atuação no setor de metais não ferrosos – alumínio – possui 68 empresas associadas e está presente em mais de 20 países. Disponível em: http://www.chinalco.com.cn/zglyen/gywm/gsjj/A040101web_1.htm.

Um consórcio formado pela estatal chinesa *Minmetals Corp, Guoxin International Investment* – de Hong Kong -, e a estatal de investimentos *CITIC Limited* adquiriu a mina de cobre da *Glencore*³⁸ localizada no Peru, em 2014, por US\$ 6,99 bilhões. A divisão da mina pelo consórcio ficou em 63%, 22% e 15%, respectivamente. Na região da África Subsaariana, em 2016, a *China Molybdenum* comprou 56% da *Tenke Fungurume*³⁹, localizada na República Democrática do Congo, por US\$ 2,65 bilhões.

Os investimentos apresentados acima fornecem uma amostra da preocupação chinesa em garantir a manutenção dos suprimentos minerais necessários ao país, buscando oportunidades de negócios nas várias regiões do mundo.

4.6.3 Setor imobiliário

O setor imobiliário também está no alvo dos investimentos chineses, seja na aquisição de construtoras ou imobiliárias. Entre 2006 e 2017, a China investiu US\$ 98,33 bilhões em mais de 205 transações espalhadas pelos cinco continentes. Na tabela 8 é possível observar a distribuição dos investimentos nos subsetores de construção e imobiliária e a preferência chinesa por investir nesse último. Apenas nos anos de 2007-08 os chineses voltaram 100% do investimento para o subsetor de construção, nos demais anos a alocação dos recursos no subsetor imobiliário foi superior a 80% - com exceção de 2012 com 62%.

Tabela 8 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores imobiliários - % volume total de investimentos imobiliários (2006-2017)

Subsectors	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Construction		100	100	6	11	15	38	4	5	8	14	20	12
Property	100			94	89	85	62	96	95	92	86	80	88

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Os alvos preferidos dos chineses nesse setor são os Estados Unidos com 27% - em 51 transações totalizando US\$ 26,25 bilhões -; Europa com 24% - com US\$ 23,97 bilhões e o mesmo número de transações que os Estados Unidos – e o Leste Asiático, em terceiro lugar – em 39 transações somando US\$ 19,71.

³⁸ Empresa anglo-suíça de commodities minerais.

³⁹ Mina de cobre e cobalto.

A Tabela 9 nos traz um panorama da distribuição regional dos investimentos realizados pelos chineses no setor imobiliário entre os anos de 2006 e 2017.

Tabela 9 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses imobiliários - % volume total de investimentos imobiliários (2006-2017)

Regions	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Arab Middle East and North Africa				6				3		1			1
Australia				22				3	18	20	3	10	9
East Asia				7	26	36	45	24	7	36	6	17	20
Europe			100	9	3		41	37	26	19	27	24	24
North America								0		1	6	13	3
South America					3			1	2		1	1	1
Sub-Saharan Africa				15	50	32		5	14	5	1	2	9
USA		100		41	18	23	7	25	34	15	44	27	27
West Asia	100					9	7	2	0	3	13	6	6

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Podemos destacar algumas das transações realizadas pelos chineses ao longo desses anos, como por exemplo, a aquisição do *Leadenhall Building*⁴⁰, de propriedade da *British Land* e da *Oxford Properties*, pela *CC Land* por US\$ 1,41 bilhão, em 2017 (KOLLEWE, 2017). Ainda, em 2017, a *China Communications Construction*, empresa de engenharia e construção, comprou a *Aecon*, empresa canadense de construção por US\$ 1,14 bilhão.

A HNA, conglomerado chinês presente em diversos setores⁴¹, adquiriu 70% da *The Park Avenue tower* - situada em Nova Iorque, Estados Unidos - por US\$ 1,6 bilhão em 2017. O *China Investment Corporation* (CIC), fundo soberano chinês, comprou da imobiliária japonesa, *Mori Trust*, o complexo *Meguro Gajoen*⁴² por US\$ 1,19 bilhão.

⁴⁰ Também conhecido como “*Cheesegrater*”, ralador de queijo, é o prédio mais alto de Londres com 224 metros de altura.

⁴¹ A HNA atua no ramo de aviação, turismo, imóveis, serviços financeiros entre outros.

⁴² Localizada no centro-oeste de Tóquio a propriedade inclui dois prédios de escritórios.

4.6.4 Setor de transporte

Na terceira posição entre os setores em volume de investimento, o setor de transporte recebeu no período analisado US\$ 95,05 bilhões, 9% do total investido pela China no exterior. Entre os subsetores de transporte os principais alvos dos chineses são o automotivo (44%), o setor de aviação (24%) e o de transporte marítimo (22%), como podemos observar na Tabela 10.

Tabela 10 - Distribuição dos investimentos chineses em subsetores de transporte - % volume total de investimentos em transporte (2005-2017)

Subsectors	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Autos	100				85	62	84	42	28	71	49	43	37	44
Aviation		100	48		15	2	10	27	11	3	28	14	40	24
Rail						26	6	5	4			17	9	8
Shipping			52	100		9		27	57	13	23	27	8	22
-										13			6	3

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Assim como no setor imobiliário, as principais regiões a receberem investimentos chineses são Europa (44%), Estados Unidos (21%) e o Leste Asiático com 15%. Na Tabela 11 apresentamos a distribuição geográfica dos investimentos chineses em transporte no período entre os anos de 2005 e 2017.

Tabela 11 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em transporte - % volume total de investimentos em transporte (2005-2017)

Regions	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Arab Middle East and North Africa												4		1
Australia						7				26	2	16		5
East Asia		100		7		26	11	18	21		3	14	22	15
Europe	100		100	93	29	35	46	47	64	39	72	33	23	44
North America								9	6			6	1	2
South America						5	23	11			2	1	6	4
Sub-Saharan Africa						10			6		1	9		2
USA					33	15	10	4	3	21	8	17	43	21
West Asia					38	2	10	10		15	13		5	7

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

Os valores envolvidos nas transações nesse setor são bastante elevados. Em 2015, a HNA adquiriu a *Avolon*⁴³, empresa irlandesa de aviação, por US\$ 5,17 bilhões e, em 2017, comprou o *leasing*⁴⁴ de aeronaves do *CIT Group*, o *CIT Commercial Air*,⁴⁵ por US\$ 10,38 bilhões. A *China National Chemical Corp* (ChemChina),⁴⁶ em 2015, comprou 26,2% da italiana *Pirelli*, com opção de compra das demais ações, por US\$ 7,86 bilhões, tornando-se a controladora da empresa italiana fundada em 1872.

A montadora chinesa *Geely*, fundada em 1986, comprou, em 2010, a unidade *Volvo*⁴⁷ da *Ford Motor* por US\$ 2,7 bilhões, e, em 2017, voltou ao mercado e adquiriu 8% da *Volvo Trucks*, divisão de caminhões da marca, por US\$ 3,27 bilhões. Com essa última aquisição a *Geely* tornou-se a maior acionista da *AB Volvo*⁴⁸ - *Volvo Group*. A *China Merchants*, empresa de operações portuárias, adquiriu 90% da *TCP*, empresa que opera o Terminal de Contêineres de Paranaguá, no Paraná por US\$ 900 milhões.

A aquisição total dessas empresas, ou participação acionária, pela China é uma oportunidade de crescimento para as empresas chinesas. Além do acesso a mercados globais, com marcas consolidadas – *Pirelli*, *Volvo*, *GM*, *Tesla*, por exemplo – as aquisições trazem consigo inovações tecnológicas que propiciam saltos de produtividade.

4.6.5 Setor agrícola

A agricultura também é um setor de interesse do capital chinês, entre 2006 e 2017, foram 59 transações que somaram US\$ 79,48 bilhões, 8% do total investido pela China no período. A Tabela 12 apresenta a distribuição geográfica dos investimentos no setor agrícola, o principal destino é a Europa⁴⁹, seguido pelos Estados Unidos e América do Sul.

⁴³ Empresa de *leasing* de aeronaves.

⁴⁴ *Leasing* é um termo em inglês utilizado para locação financeira ou arrendamento mercantil.

⁴⁵ A empresa norte-americana de locação de aeronaves foi vendida para a *Avolon Holding* que desde 2015 pertence ao grupo HNA.

⁴⁶ A empresa chinesa está presente em 120 países e tem em seu portfólio cerca de 120 empresas. Com atuação em diversos setores, o principal deles é o de agroquímicos. Os 26,2% foram adquiridos do grupo *Camfin*, maior investidor individual da *Pirelli* (BARBOSA, 2015).

⁴⁷ Unidade de produção de carros de passeio da marca sueca.

⁴⁸ A *AB Volvo* produz caminhões, ônibus, veículos militares, maquinários para obras e motores marítimos (CHINESA..., 2017).

⁴⁹ A porcentagem elevada de participação da região europeia (71%), foi influenciada pela aquisição da *Syngenta* - empresa de sementes e produtos químicos voltados para o agronegócio – por US\$ 43,06 bilhões em 2017. Esse foi o maior investimento realizado pela China no exterior no período analisado, representa 55,3% do total investido no setor e 4,2% do total investido no exterior pela China entre

Tabela 12 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses em agricultura - % volume total de investimentos em agricultura (2006-2017)

Regions	06	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	Total
Australia					18	26		3	57	13	1	5
East Asia		59			3	13	2	4	10	14	1	3
Europe	100		100	91		54		73	6	54	96	71
North America				9	6					14		1
South America					69		3	11		6	3	6
Sub-Saharan Africa					4	8		6				1
USA		41					74	3	6			10
West Asia							21		21			3

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, 2018

O *WH Group*⁵⁰, anteriormente chamado *Shuanghui Group*, adquiriu, em 2013, a norte-americana *Smithfield Foods*⁵¹ por US\$ 7,1 bilhões. O *CITIC Agri Fund*, controlado pelo *CITIC Limited*, comprou, em 2017, a unidade brasileira da *Dow Chemical*⁵² por US\$ 1,1 bilhão.

A maior aquisição de uma companhia chinesa no exterior, até 2017, é no setor agrícola. A compra da *Syngenta* – empresa suíça de produção de sementes e produtos fitossanitários – pela *ChemChina* por US\$ 43,06 bilhões, em 2017, demonstra a força da China no processo de expansão no exterior. A tecnologia da empresa suíça na produção de pesticidas e organismos geneticamente modificado, transgênicos, é fundamental para impulsionar a produtividade agrícola chinesa que possui uma demanda por alimentos gigantesca.

4.7 FUSÕES E AQUISIÇÕES

Antes de entrarmos na análise das fusões e aquisições⁵³ (F&A) realizadas pelos chineses ao longo dos últimos anos, faz-se necessário uma breve conceituação sobre os dois fenômenos. Na fusão os ativos das empresas envolvidas na operação se dissolvem dando lugar a uma nova

2005 e 2017. Se excluirmos a compra da *Syngenta* pela *China Reform Holdings* e a *ChemChina*, a posição das regiões se mantém: Europa 37%, Estados Unidos 23% e América do Sul 10%.

⁵⁰ Empresa chinesa de processamento de carne e alimentos.

⁵¹ A maior companhia de carne suíça dos Estados Unidos com vendas no mercado doméstico e no exterior.

⁵² Empresa norte-americana de produtos químicos, plásticos e agropecuários.

⁵³ *Merger and Acquisition*.

empresa e na aquisição os ativos da adquirida passam a incorporar os ativos da empresa adquirente; nesse caso desaparecendo apenas a empresa adquirida. A aquisição divide-se em três estágios: parcial – quando envolve de 10% a 49% do capital volante⁵⁴ -, de controle – acima de 50% do capital volante – ou total – quando envolve todo o capital da empresa (CANO, 2002).

Delimitados os limites do fenômeno de F&A, acrescentamos uma contribuição de Marcelo Cano (2002) acerca do ambiente em que as fusões e aquisições surgiram

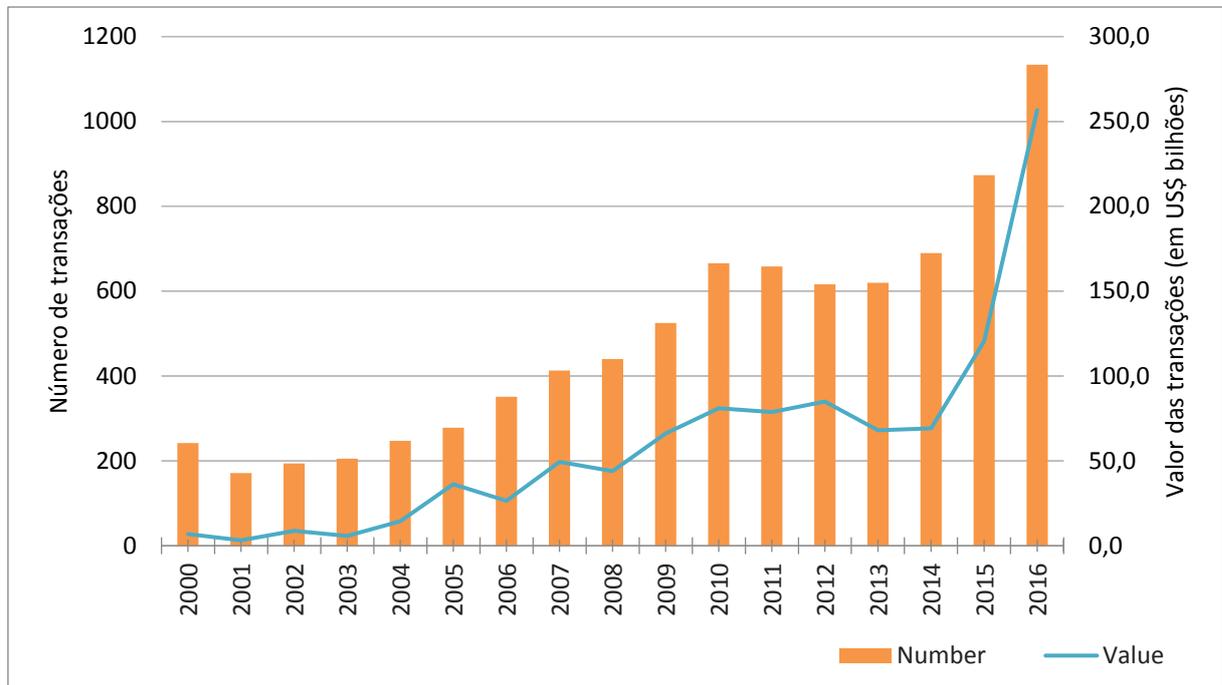
O processo de F&As é inerente à concorrência capitalista. Acumulação de capital, inovações, ganhos de produtividade e acirramento da competição levando a pressões pela eliminação de concorrentes ou pela abertura de novos mercados, são processos que marcaram a história do capitalismo desde seu início. Tais fatores foram potencializados pelo surgimento do capital financeiro monopolista organizado na forma de sociedade anônima, pelo aumento da intervenção estatal na economia e pelo desenvolvimento do mercado bancário e mercado de capitais, o que impulsionou as F&As. (CANO, 2002, p. 151).

A China, como grande expoente de crescimento nos últimos anos, não está alijada desse fenômeno, no Gráfico 4 é possível observar a evolução das operações chinesas de F&A em relação ao resto do mundo. Segundo informações do IMAA,⁵⁵ no ano 2000, a China realizou 242 operações de F&A no valor total de US\$ 6,9 bilhões. Passados dezesseis anos, os chineses dispenderam o total de US\$ 256,7 bilhões em 1.134 operações de F&A, em 2016. No período observado, houve redução nas operações, em relação ao ano anterior, apenas em 2001, 2011 e 2012.

⁵⁴ Operações com compra inferiores à 10% não são consideradas aquisições, mas investimento em portfólio.

⁵⁵ *Institute for Mergers, Acquisitions and Alliances* (Instituto de Fusões, Aquisições e Alianças).

Gráfico 4 - Fusões e aquisições chinesas entre 2000 e 2016 – (em números de transações e valores em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em Institute for Mergers, Acquisitions and Alliances (IMAA) analysis, 2018

Os investimentos em F&A estão dispersos pelos continentes, estando presentes em todos eles, entretanto observa-se na Tabela 13 uma preferência pela Europa, Ásia e América do Norte. Essas três regiões somadas representam mais de 80% das operações de fusão e aquisição realizadas pelos chineses no período (2013-2016).

Tabela 13 - Distribuição regional das F&A por número de transações e por valores envolvidos – em % (2013-2016)

Regions	Number of transactions by region %				Deal value by region %			
	2013	2014	2015	2016*	2013	2014	2015	2016*
Africa	3	2	2	2	1	1.6	1	4
Asia	26	30	34	22	21	20.7	30	23
Europe	38	32	26	35	54	44.1	27	19
Latin America	6	2	2	3	13	0.1	4	3
North America	16	26	29	33	7	23.7	31	49
Oceania	11	8	7	5	4	9.8	7	2

* Período Jan-Nov.

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em KPMG, 2017

A preferência por operações desse tipo nessas regiões pode ser creditada à vontade chinesa de adquirir empresas consolidadas em seus setores que permitam ganhos de eficiência, *know-how* tecnológico e acesso a mercados internacionais. Por exemplo, na Europa os investimentos buscam acessar um mercado grande e com elevado poder aquisitivo, bem como ampliar a capacidade tecnológica para desenvolver ou ter uma marca global (CASABURI, 2015). Como mencionado, anteriormente, Europa, Ásia e América do Norte não concentram apenas o maior número de transações de F&A, os maiores valores dispendidos nesse tipo de operação encontram-se nessas regiões. Em 2016, a *Midea Group Co. Ltd* adquiriu a alemã, fabricante de robôs industriais, *KUKA AG* por US\$ 4,5 bilhões; a *Qingdao Haier Co. Ltd* comprou a divisão de eletrodomésticos da norte-americana *General Electric* por US\$ 5,4 bilhões; a *Tianjin Tianhai Investment Co. Ltd* adquiriu a norte-americana *Ingram Micro*, empresa de distribuição de TI⁵⁶, por US\$ 6,3 bilhões e a *Bohai Capital Holding Co. Ltd* comprou ativos de *leasing* de aeronaves do *CIT Group*, sediados nos Estados Unidos, por US\$ 10 bilhões (KPMG, 2017).

A Tabela 14 traz informações sobre os setores nos quais os capitais chineses direcionaram seu foco no período de (2013-2016). Os dados sobre o número de transações por setor, em termos percentuais, mostram a preferência da China pela fusão e aquisição de empresas do setor de Computação e Eletrônica.

⁵⁶ Tecnologia da Informação.

Tabela 14 - Distribuição setorial das F&A por número de transações – em % (2013-2016)

Sectors	2013	2014	2015	2016*
Computer & Electronics	17	14	22	25
Oil & Gas	10	4	4	4
Machinery	8	7	5	6
Chemical	6	4	5	4
Healthcare	4	7	14	15
Others	19	15	11	19
Mining	12	10	5	4
Professional Services	8	8	6	
Auto/Truck	6	7	4	4
Construction/Building	6	5	4	
Finance (including Insurance)	4	8	5	
Textile		7		
Metal & Steel		4		4
Leisure & Recreation			5	5
Agribusiness & Food			5	
Consumer products			5	6
Utility & Energy				4

* Período Jan-Nov.

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em KPMG, 2017

A atuação da China na condução das F&A tem mudado nos últimos anos. Os chineses vêm alterando seu foco em investimentos do tipo *resource-oriented*⁵⁷ para uma maior diversificação que objetiva “importar filosofias avançadas de tecnologia e administração, construir marcas e / ou expandir a participação no mercado global. Isso contribuiu, até certo ponto, para uma diversificação da base industrial”. (KPMG, 2017, p. 6, tradução nossa).

Podemos observar essa diversificação ao analisar que os chineses investiram nos setores de cuidados em saúde, serviços profissionais, lazer e recreação. Dos setores listados, os de cuidados em saúde chama atenção: o programa “*Healthy China 2030*,”⁵⁸ anunciado pelo Comitê Central do Partido Comunista em outubro de 2016, que objetiva elevar a expectativa de vida dos chineses, investindo no tratamento e na prevenção. A previsão é que o mercado de serviços de saúde atingirá US\$ 2,4 trilhões em 2030 (XINHUA, 2017). Sobre a presença dos

⁵⁷ Trata-se de uma abordagem voltada para a busca de oportunidade de investimento em recursos naturais e matérias-primas.

⁵⁸ O programa pretende aumentar a expectativa de vida dos chineses para 79 anos até 2030, atualmente está em 76,34 anos. Para alcançar os objetivos o governo investirá na educação em saúde no sistema educacional, num plano nacional de nutrição, além dos investimentos em saúde. O foco do programa está na prevenção (XINHUA, 2016).

investimentos chineses no setor de saúde em outros países, só na Austrália foram investidos US\$ 5 bilhões, entre 2015 e 2017, em 16 negócios concluídos (KPMG, 2018).

Na Tabela 15 é possível acompanhar a participação dos setores em termos percentuais dos valores envolvidos nas operações de F&A, os setores de computação e eletrônica, e Finanças representam juntos 40% do total dispendido pela China, em 2016.

Tabela 15 - Distribuição setorial das F&A por valores envolvidos – em % (2013-2016)

Sectors	2013	2014	2015	2016*
Mining	26	3	14	4
Oil & Gas	12	7	15	2
Healthcare	7	11	6	4
Real Estate (Incl Hotel & Catering)	6		3	5
Others	4	5	10	8
Finance (including Insurance)	26	26	15	13
Auto/Truck	10		3	2
Machinery	7	3		7
Computer & Electronics	2	18	13	27
Retail		8		
Construction/Building		9		
Textile		4		
Professional Services		4		
Chemical		2		8
Transportation			11	
Leisure & Recreation			3	
Consumer Products			7	13
Utility & Energy				7

* Período Jan-Nov.

Fonte: Elaboração própria, 2018 com base em KPMG, 2017

No setor de finanças, o *China Construction Bank Corp* adquiriu, em 2013, 100% do Banco Industrial e Comercial AS, no Brasil, por US\$ 1 bilhão; no Reino Unido, em janeiro de 2014, o *Industrial & Commercial Bank of China* comprou 60% do *Standard Bank* por US\$ 690 milhões e o banco brasileiro Banco BBM SA vendeu 80% de participação para o *Bank of Communications Co. Ltd*, em 2015, por US\$ 175 milhões (KPMG, 2017).

As fusões e aquisições realizadas pelos chineses em setores considerados chave contribuem para os avanços que a China tem conseguido ao longo dos últimos anos. Os dados indicam o caminho que o F&A chinês trilhará nos próximos anos. Desse modo, “com a transformação da economia chinesa e o avanço da inovação tecnológica, a Tecnologia da Informação, a

Saúde e a Fabricação de Alta Qualidade podem ser um foco contínuo de transações de F&A” . (KPMG, 2017, p. 7, tradução nossa).

4.8 JOINT-VENTURES

O termo *joint-venture* é formado por duas palavras, a primeira, *joint*, pode ser traduzida como junção ou associação e a segunda, *venture*, significa risco ou aventura. A união das duas palavras deu origem ao termo que é utilizado quando duas ou mais empresas se associam para a constituição de uma nova empresa para exploração de um determinado nicho de negócios (PINHO, 2013).

A constituição de uma *joint-venture* pode acontecer entre empresas sediadas no mesmo território ou no exterior. Entre as motivações para um acordo deste tipo entre duas empresas estão: inserção em novos mercados internacionais,⁵⁹ compartilhamento de risco nos investimentos, acesso à tecnologia e *know-how* organizacional e produtivo, entre outras motivações (PARK, 2011).

A China ao longo dos anos recebeu muitas *joint-ventures* formadas por empresas estrangeiras - das mais diferentes partes do mundo e nicho de mercado – e empresas chinesas. Nesse período, os chineses tiveram acesso à tecnologia que contribuiu para o desenvolvimento de suas empresas, todavia, o acesso das empresas chinesas à tecnologia de empresas de países como França, Alemanha e Estados Unidos causa apreensão nas autoridades desses países. Os Estados Unidos estão adotando medidas para impedir o acesso de empresas chinesas a propriedade intelectual de empresas norte-americanas.

De acordo com algumas empresas norte-americanas, a China adota uma política industrial ostensiva para forçar as empresas a transferirem tecnologia dos Estados Unidos para empresas chinesas. O acesso ao mercado chinês, bem como a instalação de plantas produtivas, se daria através da constituição de *joint-ventures* para compartilhamento tecnológico. Esse movimento, segundo os norte-americanos, acaba por elevar o nível das empresas chinesas e criando concorrência internacional para as empresas dos Estados Unidos (NAVARRO, 2017).

A constituição de novas *joint-ventures* é uma oportunidade para que os capitais chineses tenham acesso a mercados resistentes a sua penetração.

⁵⁹ Para empresas que firmam parceiras com outras firmas situadas em mercados estrangeiros.

4.9 ONE BELT, ONE ROAD (OBOR)

A iniciativa de reconstrução da milenar Rota da Seda apresenta-se como um ambicioso plano chinês posto em marcha, a partir de 2013, por Xi Jinping. O projeto abrange 71⁶⁰ países e 60% da população mundial, ligando a China à Ásia Central e à Europa, o *One Belt* – Cinturão Econômico da Rota da Seda, parte terrestre da iniciativa que objetiva a construção de linhas férreas, autoestradas, trens de alta velocidade – e a *One Road* - rota marítima que tem por meta a construção de portos – conectando a China ao Sudeste Asiático, Oriente Médio e à África (DJANKOV, 2016).

De acordo com Djankov (2016), além de reduzir os custos comerciais a iniciativa da “Nova Rota da Seda” tem mais quatro objetivos. O primeiro deles é tentar reduzir a dependência da economia nos investimentos domésticos em infraestrutura. As empresas que prosperaram no período de crescimento da construção civil no país, precisam encontrar, externamente, as oportunidades para continuarem seu processo de expansão. Assim, os elevados investimentos em infraestrutura na OBOR representam uma solução para a situação. No período de 2013-2015, dos empréstimos concedidos pelo *China Development Bank* e *Export-Import Bank of China* para projetos no exterior, 70% estavam condicionados a utilização de parte do montante na aquisição de equipamentos chineses e no envolvimento mão de obra chinesa. Isso mostra o incentivo do governo para manter a demanda das empresas nacionais.

O segundo objetivo, gravita na tentativa chinesa de tornar o *Renminbi* uma moeda de reserva global. Buscando a ampliação da utilização de sua moeda internacionalmente, em 2015, a China uniu-se ao *European Bank for Reconstruction and Development* e fundou o *Asian Infrastructure Investment Bank* para financiamento de projetos em moeda chinesa, o que somados ao apoio da Rússia e de outros países emergentes contribuiu para uma vitória chinesa ao ter sua moeda incluída na cesta de moedas mundiais pelo Fundo Monetário Internacional (DJANKOV, 2016).

⁶⁰ Afeganistão, África do Sul, Albânia, Arábia Saudita, Armênia, Azerbaijão, Bangladesh, Barém, Bielorrússia, Bósnia e Herzegovina, Brunei, Bulgária, Butão, Camboja, Catar, Cazaquistão, Cingapura, Coreia do Sul, Croácia, Egito, Emirados, Arabes Unidos, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Etiópia, Filipinas, Geórgia, Hungria, Iémen, Índia, Indonésia, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Laos, Letônia, Líbano, Lituânia, Macedônia, Madagascar, Malásia, Maldivas, Marrocos, Moldávia, Mongólia, Montenegro, Myanmar, Nepal, Nova Zelândia, Omã, Palestina, Panamá, Paquistão, Polônia, Quirguistão, República Checa, Romênia, Rússia, Sérvia, Síria, Sri Lanka, Tailândia, Tadjiquistão, Timor-Leste, Turquemenistão, Turquia, Ucrânia, Uzbequistão e Vietnã.

A manutenção do fornecimento de energia é o terceiro objetivo chinês na iniciativa da “Nova Rota da Seda”. Assim, a construção de novos gasodutos na Ásia Central e nos portos de águas profundas do Sudeste Asiático são fundamentais para garantir energia para o maior importador líquido de petróleo e maior consumidor de energia do mundo. O quarto objetivo está no crescimento das economias ao longo da “Nova Rota da Seda”; pois a construção de infraestrutura, pode contribuir para elevação da demanda por bens e serviços de origem chinesa (DJANKOV, 2016).

Figura 1 - Mapa *One Belt, One Road* (“A Nova Rota da Seda”)



Fonte: BLOOMBERG QUICKTAKE, 2017

O ambicioso plano chinês conta com um volume impressionante de recursos para financiamento. Os *Bank of China*, *Industrial and Commercial Bank of China*, *China Construction Bank*, e *Agricultural Bank of China* são os principais financiadores do projeto. Além dos bancos, o governo destinou US\$ 40 bilhões para o “Fundo da Rota”, recurso advindo do orçamento nacional. Outros bancos também estão envolvidos no financiamento da iniciativa, o *Asian Infrastructure Investment Bank*, o *New Development Bank* (Banco dos BRICS) e a *Shanghai Cooperation Organization* contribuem com empréstimos para os projetos envolvidos na “Nova Rota da Seda” (DJANKOV, 2016).

Ao que tudo indica, recursos financeiros não serão um impeditivo para consecução da iniciativa, capitaneada pelos chineses. O HNA *Group*⁶¹ investirá US\$ 3,2 bilhões na iniciativa do presidente Xi Jinping (HO, 2018), entretanto outros desafios apresentam-se no horizonte chinês e podem representar entraves nos planos do gigante asiático. De acordo com Djankov (2016), pelo menos três desafios estão presentes na iniciativa da “Nova Rota da Seda”: 1) a implementação de projetos, o mais simples deles. 2) a seleção de projetos. E 3) separar economia e política na tomada de decisão dos projetos a serem apoiados. O mais difícil entre os três, segundo o autor, esse último pode acarretar num duplo efeito: “(1) os investimentos não alcançarão os retornos exigidos, e (2) podem voltar outros países - como a Índia, a Rússia ou os Estados Unidos - contra a nova iniciativa da China” (DJANKOV, 2016, p. 10, tradução nossa).

Alguns dos projetos da Iniciativa *One Belt, One Road* são de grandes proporções, envolvem a construção de quilômetros e quilômetros de autoestradas, gasodutos, linhas férreas para transporte de carga e passageiros e trens de alta velocidade, essas construções passam por áreas voláteis com conflitos territoriais e étnicos que podem atrapalhar os planos chineses (HENDRIX, 2016).

Com investimentos calculados em US\$ 900 bilhões a iniciativa lançada por Xi Jinping é o maior investimento no exterior já lançado por um único país (HANCOCK, 2017) e se concretizado pode mexer com o cenário geopolítico, colocando a China num papel de destaque, ainda maior, como grande player global. A complexidade do projeto é bastante elevada por envolver 71 países e 60% da população mundial, todavia os chineses parecem dispostos a seguirem com seu plano de alterar sua posição em relação ao mundo.

4.9.1 Alguns projetos da iniciativa OBOR

Entre os diversos projetos da iniciativa está a construção de diversas linhas férreas ligando a China ao continente europeu. Já existem ferrovias que conectam Madri⁶² (Espanha) e Londres

⁶¹ Conglomerado com atuação em diversas áreas - aviação, indústria, finanças, turismo e logística – em 2015 adquiriu 23% da Companhia Azul Linhas Aéreas Brasileiras por US\$ 450 milhões. <https://exame.abril.com.br/negocios/quem-e-o-chines-hna-group-que-comprou-23-da-azul>

⁶² Maior rota ferroviária do mundo com mais de 13 mil quilômetros de extensão. O volume de mercadoria transportado é inferior a capacidade dos navios e os custos são mais elevados, entretanto, a viagem entre os dois pontos leva cerca de 20 dias, tempo inferior ao observado pelo transporte marítimo. Se comparado ao transporte aéreo o tempo de viagem é maior, todavia o custo de operação é inferior.

(Reino Unido) a *Yiwu*, na província chinesa de *Zhejiang*. Londres é a 15ª cidade europeia a ter conexão ferroviária para a China. Há um projeto de construção de um trem de alta velocidade ligando Pequim a Moscou, segundo (BBC, 2017), a viagem entre os dois países seria reduzida dos atuais cinco dias para trinta horas, com custo de US\$ 242 bilhões.

A China pretende construir um trem de alta velocidade ligando-a ao vizinho Laos e à malha ferroviária de Mianmar, a um custo estimado de US\$ 7 bilhões. Projetos desse tipo se espalham por outros países como Tailândia, Camboja e Vietnã, concluídos eles formarão uma rede extensa de conexão da China com o sudeste asiático – Rede Pan-asiática. Há também projetos de linhas férreas ao longo da África em países como Quênia, Uganda, Sudão do Sul, Ruanda, Burundi, Etiópia e Djibouti, a um custo de US\$13,1 bilhões (BBC, 2017).

Um corredor de infraestrutura⁶³ ligando a cidade chinesa de *Kashgar* a cidade paquistanesa *Khunjerab* pretende construir rodovias, ferrovias, oleodutos, gasodutos e rede de telefonia e internet entre as duas nações com custo estimado de US\$ 54 bilhões. A ampliação dos gasodutos e oleodutos na Ásia Central levarão gás do Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão para União Europeia e para a China (CORDEIRO; GARATTONI, 2017).

No Uzbequistão, numa parceria com os chineses, foi construído o túnel *Qamchiq*⁶⁴, por ele passa a ferrovia *Angren-Pap* do Uzbequistão, um elemento importante para a iniciativa OBOR. Construído pela empresa chinesa *China Railway Tunnel Group*, o empreendimento foi executado em condições adversas: temperaturas de 40 graus centígrados negativos – durante o inverno -, alagamentos em algumas seções da construção – por problemas na drenagem da água - e falhas geológicas – sete no total. A agilidade na construção e superação dos problemas encontrados no decurso da obra contribuíram para imagem da empresa no exterior⁶⁵ (YAHONG; SONG, 2016).

⁶³ Corredor Econômico China-Paquistão (CECP).

⁶⁴ O mais longo túnel da Ásia Central com 19,2 quilômetros de extensão. Iniciado em 2013 o empreendimento foi concluído em 2016, seis meses antes do prazo estipulado (YAHONG; SONG; 2016).

⁶⁵ Sobre a imagem das empresas de infraestrutura chinesas internacionalmente, na Europa, a primeira grande experiência não saiu exatamente como planejado. A *China Overseas Engineering Group* (COVEC) assumiu a construção de uma autoestrada na Polônia, A2, pela metade do orçamento estimado pelo governo polonês. Nos planos da empresa estava a importação de máquinas, equipamentos e materiais chineses. Entretanto a não homologação das máquinas chinesas para utilização na União Europeia, a distância entre os países e o aumento no preço dos combustíveis oneraram a obra forçando a COVEC a tentar renegociar o contrato com a Polônia. O governo polonês se recusou a renegociar o contrato e, em 2011, a empresa abandonou o projeto deixando a obra

Além da construção de estradas, ferrovias, oleodutos e gasodutos – obras que compõem “*Silk Road Economic Belt*” – a China também investe em portos – “*Maritime Silk Road*” - outra parte da iniciativa OBOR. Três empresas estatais chinesas adquiriram 65% do terceiro maior porto da Turquia⁶⁶ a um custo de US\$ 940 bilhões, ele será uma importante ligação entre a rota terrestre e marítima da iniciativa comandada pela China (MARLE, 2015). No Sri Lanka, o porto de *Hambantota* foi concedido por um período de 99 anos à *China Merchants Port Holdings* numa *joint-venture*⁶⁷ com a Autoridade Portuária do Sri Lanka (STACEY, 2017). O porto paquistanês de *Gwadar*, construído e operado pela China é uma peça importante do Corredor Econômico China-Paquistão, localizado no Mar da Arábia, o porto está próximo a rotas marítimas que carregam grande parte das importações de petróleo chinesa (KYNGE, *et al.*, 2017).

A atuação chinesa na aquisição desses portos ampliam o poder marítimo chinês. Atualmente a China é líder mundial em operação portuária e a maior transportadora de mercadorias do mundo - cinco dos dez maiores portos de contêineres do mundo estão na China e outro em Hong Kong -, a guarda costeira tem a maior frota de segurança marítma do mundo e a marinha é a que mais cresce no mundo entre as grandes potências (KYNGE, *et al.*, 2017). Esse crescimento marítimo chinês desperta desconfiança nas outras potências, como os Estados Unidos, por exemplo, sobre as verdadeiras pretensões chinesas com essa expansão. A China afirma que o propósito da atuação nesses portos é apenas mercante, sem intenção bélica.

4.9.2 Resistência à OBOR

Ao por em marcha um megaprojeto como esse a China enfrenta resistência em algumas áreas e até mesmo no cenário internacional. Países como Índia tecem críticas à iniciativa pela forma de condução do projeto, no caso indiano um ponto de insatisfação está centrada no Corredor Econômico China-Paquistão - mais precisamente, na rodovia *Karakorum*⁶⁸– que liga o Paquistão à China, atravessando a região de Jammu e da Caxemira, disputadas pela Índia e Paquistão. Além da ressalva da construção em área de disputa entre a Índia e o Paquistão,

inacabada (DJANKOV, 2016). A autoestrada ficou conhecida como "A autoestrada que a China não conseguiu construir" (SHEPARD, 2017).

⁶⁶ O terminal *Kumport*, localizado nos arredores de Istambul, foi adquirido pela *China Merchants Group*, *COSCO Pacific* e *CIC Capital*.

⁶⁷ A empresa chinesa detém 70% de participação no empreendimento.

⁶⁸ Considerada a mais alta rodovia asfaltada do mundo com 1.300 quilômetros de extensão.

outra preocupação indiana é a possibilidade desses projetos criarem um fardo de dívida insustentável pelas comunidades envolvidas na iniciativa (AYRES, 2017).

A União Europeia (UE) também mostra resistência à iniciativa chinesa pela ausência de uma estrutura institucional formal. Outros fatores que geram desconfiança por parte de Bruxelas está na preferência da China em firmar acordos bilaterais – que não ensejam um diálogo multilateral, defendido pela EU - e na falta de transparência na tomada de decisão da China na condução do projeto (SHAMS, 2017).

Os Estados Unidos apesar de não estarem participando da iniciativa observam de longe os passos chineses. As preocupações norte-americanas não estão centradas na possível ameaça econômica que a OBOR pode trazer-lhes, mas nas consequências geopolíticas do apoio chinês a países contrários aos Estados Unidos. Desse modo, tal iniciativa representa uma ameaça aos interesses de Washington na região Ásia-Pacífico (SHAMS, 2017).

Outra implicação da “Nova Rota da Seda” chinesa está em sua forma de financiamento - via empréstimos. Os projetos em países de economia mais frágil podem representar uma ampliação da dependência dessas nações em relação à China, com o endividamento. Um exemplo deste quadro ocorreu no Sri Lanka, que acumulou dívidas em projetos de infraestrutura financiados pelos chineses e como forma de pagamento cedeu o porto de *Hambantota* gerando uma onda de protesto no país.

Os investimentos externos chineses nas diversas áreas representam mudanças nas esferas, econômica e política, globais. A aquisição de empresas consolidadas com tecnologia de ponta e *know-how* é uma forma de alavancar a produtividade das empresas chinesas e possibilitar o acesso a novos mercados. No próximo capítulo apresentaremos algumas considerações sobre o fenômeno, relativamente recente e ainda em curso, de internacionalização dos capitais chineses nas primeiras décadas do século XXI.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A China no processo de expansão para fora de suas fronteiras atua em diversas frentes, o país busca ampliar sua presença nos quatro cantos do globo. Os chineses firmaram acordos com países vizinhos - *Asian-Pacific Trade Agreement (APTA)* – e de outros continentes - *Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC)* com o objetivo de estreitar os laços diplomáticos e comerciais, que ampliam sua posição no âmbito geopolítico internacional. O BRICS - bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul -, constitui uma esfera de influência global para China, que aproveita as oportunidades de negócios entre os membros do grupo, bem como o apoio na pressão por mudanças e maior participação nos organismos internacionais – Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, por exemplo.

A medida que a China logra elevadas taxas de crescimento – 10%, em média, ao longo de três décadas – durante um período tão prolongado, a necessidade de buscar novos mercados para escoar sua produção e evitar a instalação de capacidade ociosa, torna-se cada vez mais fundamental. As gigantes firmas chinesas do ramo da construção civil que contribuíram para o crescimento da economia do país, ao realizarem as megaconstruções em infraestrutura – rodovias, pontes, ferrovias –, necessitam de novos espaços para continuarem crescendo. Nesse cenário, a iniciativa *One Belt, One Road* (“Nova Rota da Seda”) configura uma oportunidade de ouro para essas empresas.

Entre os fatores por detrás da internacionalização dos capitais chineses está a busca por recursos naturais (*natural resources*). Os chineses procuram oportunidades que os propiciem acesso a matérias-primas que assegurem a manutenção do crescimento de sua economia. A demanda por energia na China é gigantesca, o país é o maior importador líquido de petróleo e o maior consumidor de energia do mundo. Desse modo, os chineses investem seus capitais em regiões que possibilitem o acesso a esses insumos. Sendo um grande importador de *commodities* é natural que seja elevada a preocupação com a estabilidade dos preços desses produtos, assim a manutenção da estabilidade dos preços internacionais das *commodities* também é um fator presente nas motivações do investimento direto estrangeiro chinês.

O país busca, também, ter acesso às inovações tecnológicas que propiciem ganhos de produtividade para sua economia. Essa tecnologia que, em grande medida, concentra-se nos países centrais representa uma oportunidade de realização de saltos tecnológicos, *leapfrogging*, para indústria chinesa. Assim, se nos países em desenvolvimento a China busca

matérias-primas - investindo em *greenfields* -, nos países desenvolvidos o foco está centrado na aquisição de tecnologia de ponta via fusões e aquisições e *joint-ventures*.

A China que transformou-se na “fábrica do mundo”, maior exportadora e segunda maior importadora entre as economias do globo, iniciou uma nova etapa em sua história. Não se trata apenas de comércio, simplesmente comprar e vender, a China busca com a internacionalização de seus capitais ocupar novos espaços no cenário internacional. Esse fenômeno da internacionalização de capitais que caminha *pari passu* com o comércio, objetiva a transformação da China numa economia desenvolvida.

O relacionamento entre a China e os Estados nacionais receptores dos investimentos chineses, em alguns casos, é conflituosa. Os países centrais têm restrições aos capitais chineses que buscam tecnologia de ponta. No discurso desses países para dificultar, e às vezes barrar, os investimentos da China, está a defesa de empresas e tecnologias “sensíveis à segurança nacional”. Esses Estados estão atentos ao avanço chinês nos últimos anos e sabem que o acesso da China a sua tecnologia representa uma “ameaça” para as suas empresas no mercado interno e internacional. Em alguns lugares da periferia os investimentos chineses são recebidos de bom grado, segundo o discurso oficial das autoridades chinesas. Para esses países, a parceria com a China parece representar uma oportunidade de crescimento econômico com a construção de infraestrutura – rodovias, portos, ferrovias -, e a ampliação do comércio internacional.

Na periferia a China mantém a retórica de cooperação mútua para o desenvolvimento entre ela e os demais Estados. Parece, todavia, que essa é uma tentativa chinesa de ampliar suas relações diplomáticas e econômicas com esses países, a exemplo das nações africanas, garantindo assim apoio no cenário internacional e acesso a recursos naturais.

A ascensão comercial lograda pelos chineses nos últimos anos contribuiu para a viragem da China em direção ao investimento direto estrangeiro. Os capitais chineses estão presentes em todas as regiões do globo e de forma mais pronunciada em algumas delas. A Ásia, em 2005, ocupava o primeiro lugar no destino dos investimentos chineses com 49% do total dos investimentos realizados pelos chineses naquele ano, seguida por América do Sul (19%) e Estados Unidos (17%). Passados doze anos, a Europa – que em 2005 recebera 1% do volume total dos investimentos chineses – assumiu a primeira colocação com 52% dos investimentos

chineses, no ano de 2017, com Ásia (21%) e Estados Unidos (13%) na segunda e terceira posições, respectivamente.

Os dados demonstram que a China ao longo do período analisado, 2005-2017, expandiu a presença de seus capitais para além de sua região circunvizinha. Esse fenômeno é um indício da busca dos chineses por acesso aos países centrais e sua tecnologia. Cabe ressaltar que a liderança europeia como destino dos investimentos chineses, US\$ 297,15 bilhões (28% do total), tem a ver com os valores das transações com empresas de elevado valor de mercado e alta tecnologia. No período da pesquisa, 2005-2017, foram registradas 305 transações entre a China e a Europa e 344 transações entre a China e a Ásia – US\$ 218,42 bilhões (21% do total). Um exemplo desse fenômeno é a compra da suíça Syngenta, em 2017, por US\$ 43,06 bilhões – maior aquisição chinesa no período analisado, valor quase três vezes superior à segunda maior aquisição.

A distribuição setorial dos investimentos tem como principais destinos de alocação o setor energético e o de metais, com quase 50% do volume total dispendido pela China no exterior. No setor energético o principal destino é a própria Ásia (40%) enquanto no setor de metais, o foco está concentrado entre Austrália e África Subsaariana, ambas com 26% do total de investimento nesses setores. Os investimentos do setor energético, em sua grande maioria, são direcionados à petróleo e gás. Mas a partir de 2010, um novo fenômeno tomou forma nesse setor: os chineses passaram a investir em fontes de energia alternativa e energia hidráulica (hídrica). Isso faz parte dos esforços do Governo chinês para diminuir os elevados índices de poluição pela utilização maciça de energia de origem fóssil em sua matriz energética.

Os chineses, a partir de 2010, começaram uma maior diversificação setorial para seus investimentos diretos estrangeiros. Apesar de continuarem na liderança, energia e metais, perderam recursos para outros setores como transporte, agricultura, finanças, imobiliário/construção e tecnologia. Esses setores são importantes para os planos chineses de desenvolvimento, como por exemplo o setor de transporte - parece bastante razoável que o maior exportador do mundo invista em um setor tão importante para a logística dos seus negócios. A agricultura também guarda sua importância, principalmente, quando se tem uma população de 1,403 bilhão de habitantes e uma área agricultável diminuta. No setor de tecnologia, os chineses avançaram em diversas áreas na aquisição total ou participação acionária em diversas empresas do ramo: da computação, telecomunicações, semicondutores, robótica, entre outros. A disseminação dos capitais chineses em outros setores é uma

sinalização de que o país está em busca de meios para realizar o seu salto decisivo de desenvolvimento.

Nos trilhos da internacionalização, a Iniciativa da “Nova Rota da Seda” – *One Belt, One Road* (OBOR) – é um ambicioso projeto iniciado pelos chineses em 2013. A construção de um cinturão com rodovias, gasodutos, ferrovias, trens de alta velocidade – na parte terrestre, *One Belt* – e de portos – rota marítima, *One Road* – representa uma janela de oportunidade muito grande para a China. Esses projetos incluem grandes obras de engenharia e infraestrutura, um bom negócio para as construtoras chinesas avançarem no cenário internacional e sustentarem seu processo de expansão. Os investimentos na Iniciativa são uma chance para emprego dos volumosos recursos que os chineses detêm em dólares, em suas reservas, e que possuem uma rentabilidade diminuta. Assim, são gerados empregos e demanda para suas empresas. A construção de infraestrutura nos países ao longo da “Nova Rota da Seda” pode incentivar o crescimento dos países envolvidos, criando um cenário favorável para novos mercados para os produtos chineses e expansão dos já existentes.

O projeto chinês da OBOR, ainda embrionário, tem um grande potencial para mexer com a geopolítica na Ásia, aumentando a relevância da China naquela região. Há entretanto, alguns sinais de resistência por parte de alguns Estados nacionais que veem com desconfiança os planos da China e isso pode representar um entreve para os objetivos chineses. Alguns países advogam que os projetos chineses são assentados em endividamento - que pode causar problemas futuros – e que muito dos acordos são firmados de forma bilateral e sem transparência.

Ao longo desse trabalho buscamos apresentar alguns elementos que estão presentes no processo de internacionalização dos capitais chineses ao longo dessas primeiras décadas do século XXI. A China tem voltado suas forças para ampliar sua presença no cenário internacional e os investimentos transfronteiriços são oportunidades para consolidação de empresas chinesas internacionalmente, acesso a novos mercados e à tecnologia de ponta. Cabe ressaltar que esse fenômeno é relativamente novo, ainda encontra-se em curso e os seus rumos são ainda incertos. Nosso objetivo com essa dissertação foi trazer uma tentativa de contribuição para o debate sobre esse tema da internacionalização chinesa, que tem se intensificado desde o início do século XXI.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, L.; LEÃO, R. P. F. **Internacionalização das empresas chinesas**: as prioridades do Investimento direto chinês no mundo. Brasília: IPEA, 2011. 250 p.

AMADED, K. The U.S. Trade deficit and how It hurts the economy. **The Balance**, 2018. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/u-s-trade-deficit-causes-effects-trade-partners-3306276>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

AMBICIOSOS projetos de infraestrutura com os quais a China quer 'sacudir' a ordem econômica mundial. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/amp/internacional-39976899>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ARRIGHI, G. **Adam Smith em Pequim. Origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

AYRES, A. India objects to China's one belt and road initiative - and it has a point. **Forbes**, 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/alyssaayres/2017/05/15/india-objects-to-chinas-one-belt-and-road-initiative-and-it-has-a-point/#2cc681e6b262>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BACELETTE, R. Regionalismo na Ásia: da integração produtiva à institucionalização. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, n. 11, p. 21-32, jul./set. 2012.

BACKALER, J. 5 Reasons why chinese companies go global. **Forbes**, 2014. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/joelbackaler/2014/05/06/5-reasons-why-chinese-companies-go-global/#45945701105d>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BARBIERI, W. J. A cooperação Sul-Sul e a dinâmica da expansão chinesa. In: ENCONTRO ANUAL DAS ANPOCS, 38., 2014, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2014. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt38-1>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BARBOSA, D. Quem é a ChemChina, a nova dona da Pirelli. **Exame**, 7 jul. 2015. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/quem-e-a-chemchina-a-nova-dona-da-pirelli/>>. Acesso em: 02 maio 2018.

BARBOSA, V. Quem são os líderes no mercado mundial de energia eólica. **Exame**, 29 abr. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/quem-sao-os-lideres-no-mercado-mundial-de-energia-eolica/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

BARRÍA, C. **Como o preço do cobre disparou - e o que a China e os carros elétricos têm a ver com isso**. **BBC Brasil**, 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-42560695>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BLOOMBERG. CHINA'S foreign reserves rise for a sixth month. **Bloomberg**, 2017. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-08-07/china-s-foreign-reserves-rise-a-sixth-month-on-yuan-strength>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BLOOMBERG QUICKTAKE. **Bloomberg. China's Silk Road**, 2017. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/quicktake/china-s-silk-road>>. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **BRICS dados econômicos e estatísticas de comércio**. 2014. Disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/sobre-o-brics/dados-economicos>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

BRITES, A. S. *et al.* Os BRICS na África: a diversificação das parcerias e a contribuição da cooperação SUL-SUL para o desenvolvimento do continente. **Século XXI**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 95-116, jul./dez. 2012.

CANO, M. **O recente processo de fusões e aquisições na economia brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CASABURI, I. **Chinese investment in Europe 2015-16**. [S.l.]: ESADEGeo Center for Global Economy and Geopolitics, 2015.

CAVALCANTI, G. 99 confirma a venda do aplicativo de transporte urbano para a Didi Chuxing. **O Globo**, 03 jan. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/99-confirma-venda-do-aplicativo-de-transporte-urbano-para-didi-chuxing-22251181>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

CHAZAN, G. Germany expands powers to block takeovers. **Financial Times**, 12 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/5087c106-66fc-11e7-9a66-93fb352ba1fe>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

CHENG, J. Y. S. **China's approach to BRICS**. Adelaide: CUSAPS, out. 2012. p. 1-22. (Working paper series, n. 104).

CHINA eyes life expectancy of 79 in 2030 health plan. 2016. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2016-10/25/c_135780166.htm>. Acesso em: 29 mar. 2018.

CHINA's health service industry to reach \$2.4t by 2030. **China Daily**, 15 ago. 2017. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-08/15/content_30621688.htm>. Acesso em: 29 mar. 2018.

CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER. **China global investment tracker**. Washington, DC: American Enterprise Institute, 2018. Disponível em: <<http://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CHINESA Geely compra parte da Volvo caminhões e vira maior acionista. **Gazeta do Povo**, 28 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/nova-economia/chinesa-geely-compra-parte-da-volvo-caminhoes-e-vira-maior-acionista-4z0c0vodzfa7m38oo9lrsv33m>>. Acesso em: 02 maio 2018.

CINTRA, M. A. M.; PINTO, E. C. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 381-400, abr./jun. 2017.

CORDEIRO, T.; GARATTONI, B. A nova rota da seda. **Super Interessante**, 29 set. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/a-nova-rota-da-seda/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

CUI, Y. Why the BRICS?: a chinese view. **Culture Mandala: Bulletin of the Centre for East-West Cultural and Economic Studies**, Queensland, v. 10, n. 1, p. 51-58, maio 2013.

- DJANKOV, S. The rationale behind China's belt and road initiative. In: DJANKOV, S.; MINER, S. **China's belt and road initiative: motives, scope, and challenges**. [S.l.]: Peterson Institute for International Economics, 2016. p. 35.
- DRUMMOND, C. Com a rota da seda, a China entra no vácuo aberto por Trump. **Carta Capital**, 20 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/959/com-a-rota-da-seda-a-china-entra-no-vacu-aberto-por-trump>>. Acesso em: 21 jul. 2017.
- DUNNING, J. H. Explaining the international direct investment position of countries: Towards a dynamic or developmental approach. **Review of World Economics (Weltwirtschaftliches Archiv)**, v. 117, n. 1, p. 30-64, 1981.
- DUNNING, J. H. The Eclectic Paradigm of International Production: A Restatement and Some Possible Extensions. **Journal of International Business Studies**, v. 19, n. 1, p. 1-31, 1988.
- DUNNING, J. H. Re-evaluating the benefits of foreign direct investment. **Transnational Corporations**, New York, v. 3, n. 1, fev. 1994.
- DUNNING, J. H. The eclectic (OLI) paradigm of international production: past, present and future. **International Journal of the Economics of Business**, v. 8, n. 2, p. 173-190, 2001.
- FONG, M. W. Technology leapfrogging for developing countries. In: _____. **Encyclopedia of Information Science and Technology**, Second Edition. [S.l.]: [S.n.], 2009. p. 3707-3713.
- FRUMAN, C. **Why does efficiency-seeking FDI matter?** Washington D.C.: The World Bank, 2016. Disponível em: <<http://blogs.worldbank.org/psd/why-does-efficiency-seeking-fdi-matter>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- GASPAR, R. C. O avanço da internacionalização no capitalismo contemporâneo: um ensaio de interpretação crítica da globalização. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 55-87, 1999.
- GENG, Y. *et al.* China-USA trade: indicators for equitable and environmentally balanced resource Exchange. **Ecological Economics**, v. 132, p. 245-254, fev. 2017.
- GONÇALVES, R. A internacionalização da produção: uma teoria geral? **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 101-122, jan./mar. 1984.
- HANCOCK, T. China encircles the world with one belt, one road strategy. **Financial Times**, 03 maio 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/0714074a-0334-11e7-aa5b-6bb07f5c8e12>>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- HENDRIX, C. S. Rough patches on the silk road? the security implications of China's belt and road initiative. In: DJANKOV, S.; MINER, S. **China's belt and road initiative: motives, scope, and challenges**. [S.l.]: Peterson Institute for International Economics, 2016. p. 35.
- HO, P. HNA Sets up funds for \$3.2 billion one belt, one road investment. **Bloomberg**, 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-02-27/hna-sets-up-funds-for-3-2-billion-one-belt-one-road-investment>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

HOLLAND, M.; BARBI, F. **China na América Latina: uma análise da perspectiva dos investimentos diretos estrangeiros**. local do editor: Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2010.

INSTITUTE OF MERGERS ACQUISITIONS AND ALLIANCES. **M&A STATISTICS - IMAA. M&A statistics**. 2018. Disponível em: <<https://imaa-institute.org/mergers-and-acquisitions-statistics/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

JABBOUR, E. **China hoje: Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado**. 1. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

JABBOUR, E.; DANTAS, A. The political economy of reforms and the present chinese transition. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 789-807, out./dez. 2017.

JAGUARIBE, A. Characteristics and direction of China's global investment drive. In: _____. **Direction of chinese global investments: implications for Brazil**. Brasília: FUNAG, 2018. Cap. 1, p. 17-50.

KOLLEWE, J. London's 'cheese grater' sold to chinese tycoon for more than £1bn. **The Guardian**, 01 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2017/mar/01/london-cheese-grater-chinese-tycoon-city-british-land-city>>. Acesso em: 02 maio 2018.

KOVACS, É. P.; MORAES, W. F. A. D.; OLIVEIRA, B. R. B. D. Características da localização no processo de internacionalização de empresas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 51, n. 4, p. 320-335, jul./ago. 2011.

KPMG. **Chinese listed companies: outbound merger and Acquisition Update**. KPMG, 2017. p. 15.

KPMG. Demystifying chinese investment in australian healthcare **KPMG**, 20 jan. 2018. Disponível em: <<https://home.kpmg.com/au/en/home/insights/2016/01/demystifying-chinese-investment-in-australian-healthcare.html>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

KYNGE, J. *et al.* How China rules the waves. **Financial Times**, 12 jan. 2017. Disponível em: <<https://ig.ft.com/sites/china-ports/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

LAVIN, F. China-U.S. Trade relations: better than you think. **Forbes**, 22 maio 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/franklavin/2017/05/22/china-us-trade-issues-how-bad-is-it/#5788cbd3e416>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

LOPES, B. F.; NASCIMENTO, D. C. D.; VADELL, J. A. FOCAC: estratégia econômica e política de cooperação Sul-Sul Sino-Africana. **Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 81-99, jul./dez. 2013.

MARLE, G. V. China consortium moves into Turkish port market with control of terminal Kumport. **The Load Star**, 21 set. 2015. Disponível em: <<https://theloadstar.co.uk/china-consortium-moves-into-turkish-port-market-with-control-of-terminal-kumport/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 34, 1998.

- MATHEUS, J. A. Dragon multinationals: new players in 21st century globalization. **Asia Pacific Journal of Management**, Sidney, v. 23, n. 1, p. 05-27, mar. 2006.
- MEDEIROS, C. A. D. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 28-42, jan./mar. 2015.
- MENDES, C. A. A China e a cooperação Sul-Sul. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 26, p. 39-46, jun. 2010.
- MENGJIE. Full text: Vision for maritime cooperation under the belt and road initiative. **Xinhuanet**, 20 jun. 2017. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/2017-06/20/c_136380414.htm>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- MINGJIANG, L. **China's proactive engagement in Asia: economics, politics and interactions**. Singapura: S. Rajaratnam School of International Studies, 2007. p. 31.
- MINISTERIAL CONFERENCE. FORUM ON CHINA-AFRICA COOPERATION (FOCAC), 5th. 2012, China. **Anais...** China: Ministry of Foreign Affairs, 2012. Disponível em: <http://www.focac.org/eng/dwjbzjjhys/t9_52503.htm>. Acesso em: 04 dez. 2017.
- MORAES, W. F. A.; OLIVEIRA, B. R. B.; KOVACS, E. P. Teorias de internacionalização e aplicação em países emergentes: uma análise crítica. **INTERNEXT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 203-220, jul./dez. 2006.
- MURGI, R. A teoria de Karl Marx e o processo de internacionalização de empresas. **Ponto-e-Vírgula**, n. 17, p. 59-75, 1 semestre 2015.
- NAVARRO, P. China must stop forcing U.S. firms to share intellectual property: Trump trade official. **USA Today**, 14 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/opinion/2017/08/14/china-must-stop-forcing-us-firms-share-intellectual-property-peter-navarro-column/563151001/>>. Acesso em: 09 maio 2018.
- NEW DEVELOPMENT BANK - NDB. **About us**. Xangai, 2017. Disponível em: <<https://www.ndb.int/about-us/essence/our-work/>>. Acesso em: 27 dez. 2017.
- NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 201-218, abr./jun. 2010.
- PARK, B. I. Knowledge transfer capacity of multinational enterprises and technology acquisition in international joint ventures. **International Business Review**, v. 20, n. 1, p. 75-87, fev. 2011.
- PERLEZ, J.; HUANG, Y. Behind China's \$1 trillion plan to shake up the economic order. **The New York Times**, 13 maio 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/05/13/business/china-railway-one-belt-one-road-1-trillion-plan.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- PESSOA, E.; MARTINS, M. Revisitando a teoria do ciclo do produto. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 307-329, maio/ago. 2007.
- PINHO, D. **Joint venture - tipificação e teor econômico-jurídico**. Porto: Faculdade de Economia do Porto. 2013. p. 81.

PINTO, E. C.; GONÇALVES, R. Globalização e poder efetivo: transformações globais sob efeito da ascensão chinesa. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 449-479, ago. 2015.

PIRES, M. C. As relações entre os países africanos a República Popular da China: novo colonialismo ou uma janela de oportunidade para a saída do atraso?. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=15137>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PRESS SECRETARY, O. O. T. Statements & releases. **The white house. EUA. Presidente**, 2015. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/09/25/fact-sheet-us-china-economic-relations>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

QUATRO áreas inesperadas em que a China investe para ser número 1 do mundo. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160224_china_investimentos_rm>. Acesso em: 1 mar. 2018.

RENNISON, J. China reclaims title as biggest foreign holder of US debt. **Financial Times**, 14 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/4804064e-3baf-3de2-8179-22689750bd9d>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

SABBATINI, R. C. **Investimento direto estrangeiro**: reflexões sobre políticas de apoio e seus determinantes. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) - Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 160. 2008.

SAFATLE, C.; RITTNER, D. Xi rejeita hegemonia e quer mais atuação em questões globais. **Valor Econômico**, 14 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3612306/xi-rejeita-hegemonia-e-quer-mais-atuacao-em-questoes-globais>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SCHREIBER, M. **Para onde caminha o banco do BRICS?** **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37665472>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

SHAMBAUGH, D. China engages Asia: reshaping the regional order. **International Security**, Harvard, v. 29, n. 3, p. 64-99, 2005.

SHAMS, S. **'New silk road' and China's hegemonic ambitions**. **DW**, 2017. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/new-silk-road-and-chinas-hegemonic-ambitions/a-38843212>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

SHEPARD, W. I Spent two years on China's belt and road, and this is what I found. **Forbes**, 13 maio 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/wadeshepard/2017/05/13/i-spent-two-years-on-chinas-belt-and-road-and-this-is-what-i-found-part-1/2/#28d6c5272027>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SI, Y.; LIEFNER, I.; WANG, T. Foreign direct investment with chinese characteristics: a middle path between ownership-location-internalization model and linkage-leverage-learning model. **Chinese Geographical Science**, v. 23, n. 05, p. 594-606, out. 2013.

SINGH, S.; ALEXANDER, G. S. India to block \$1.3 billion chinese pharmaceutical takeover, sources say. **Bloomberg**, 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-07-31/india-is-said-to-block-fosun-s-1-3-billion-gland-acquisition>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SOUZA, R. **As relações entre a reforma do estado e a dominação do capital na China: as transformações pós-1978.** Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. p. 367.

STACEY, K. China signs 99-year lease on Sri Lanka's Hambantota port. **Financial Times**, 11 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/e150ef0c-de37-11e7-a8a4-0a1e63a52f9c>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

UNCTAD. **Handbook of statistics.** [S.l.]: United Nations Publications, 2016. p. 264.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT - UNCTADSTAT. **General profile: China.** 2018. Disponível em: <<http://unctadstat.unctad.org/CountryProfile/GeneralProfile/en-GB/156/index.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

UNCTADSTAT. GENERAL profile: United States. **United Nations Conference on Trade and Development**, 2018. Disponível em: <<http://unctadstat.unctad.org/CountryProfile/GeneralProfile/en-GB/842/index.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

VAUGHAN, A. After the 'sunrush': what comes next for solar power? **The Guardian**, 28 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/feb/28/after-the-sunrush-what-comes-next-for-solar-power>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

VERNON, R. International investment and international trade in the product cycle. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 80, n. 2, p. 190-207, maio 1966.

VISENTINI, P. G. F. A novíssima China e o sistema internacional. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 131-141, nov. 2011.

VISENTINI, P. G. F.; OLIVEIRA, G. Z. As relações sino-africanas: (muitos) mitos e (algumas) realidades. **Século XXI**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2012.

WALKER, A. **Por que a desaceleração da China importa para o mundo.** BBC Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150508_china_desaceleracao_lgb>. Acesso em: 15 mar. 2018.

WALTERS, R. Trump blocks his first chinese acquisition of an american company. **The Diplomat**, 21 set. 2017. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/09/trump-blocks-his-first-chinese-acquisition-of-an-american-company/?allpages=yes&print=yes>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

WORLD BANK. T. **Gross capital formation (% of GDP).** Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NE.GDI.TOTL.ZS?locations=CN>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

YAHONG, X.; SONG, Q. Empresa chinesa conclui túnel mais longo da Ásia Central. **Diário do Povo Online**, 21 jun. 2016. Disponível em: <<http://portuguese.people.com.cn/n3/2016/0621/c309809-9075411.html>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

YAO, S. *et al.* Location determinants of China's outward foreign direct investment. **China & World Economy**, v. 25, n. 6, nov./dez. 2017.